FON
FON
ANNO XXVII — N.º 3
Rio, 14 de Janeiro de 19?3
PREÇO: 1$000

O conto brasileiro

JUSTIÇA HUMANA

DE EDWALDO CALMON

DIA quente. Céo azul. E o silencio que, quotidianamente, imperava na cidadezinha triste foi quebrado, de súbito, pela noticia de um achado macabro, noticia, aliás, que poucas horas depois era confirmada por todos que acorreram á delegacia de policia, onde, sobre uma velha mesa de peroba, descansava o corpo de um homem, já em adeantado estado de putrefacção. Quem era? Ninguem sabia dizer, ao certo, quem era aquella pobre creatura que as aguas revoltas do mar, por pouco, esfacelariam si não fosse a dedicação de um pescador, que o vira boiando e apanhára, ao longo da praia, numa enseada, onde os peixes fazem, diariamente, parada para gloria de todos os pescadores...

Feita a autopsia, o delegado encetou as deligencias que julgára necessarias. Mandou, primeiramente, intimar Irene, uma mulata linda, que conquistava os corações de todos os moços da cidade e que, segundo diziam certas velhas gaiteiras, era a perdição de muitos homens casados. Para a autoridade, Irene, que conhecia todo mundo, devia por certo, conhecer aquelle cadaver...

Uma velha, entretanto, que não gostava de Irene, porque o seu marido, apesar de velho, tinha paixão pela mulata, se apressou a pôr em execução um plano miseravel: denunciar a pobre rapariga como assassina do amante, pois, uma vez presa e condemnada, estaria salva a sua reputação e a bolsa do seu esposo.

Intimada Irene, esta compareceu immediatamente á delegacia.

— A senhora é apontada como autora de um crime — começa o delegado.

— Que crime? Eu, doutor?

— Que crime, não é? Fazendo-se de ingenua, sem duvida?

— Eu, doutor? Vossa senhoria é que está fazendo mal juizo de mim...

— Não estou fazendo mal juizo, não senhora. Vou fazer-lhe algumas perguntas e, caso não obtenha respostas satisfactorias, a senhora irá vêr, de amanhã em deante, a luz do dia por entre aquellas grades de ferro, ouviu?

"Responda-me, portanto: por que motivo brigou com o seu amante e, em seguida, o assassinou de maneira tão barbara e impiedosa? Diga a verdade. Não minta. Vamos"...

— Eu não matei ninguem, doutor. Briguei, ha dias, com o meu amante, é verdade, porém isso acontecia sempre, quasi diariamente. Elle tinha desconfiança de mim e dizia que eu não lhe era fiel, mas, eu juro, doutor, nunca o enganei, nunca. Após a ultima discussão que tivemos, elle desappareceu de casa, sem me dizer para onde ia, sem me dizer, ao menos, quando voltava. Mas eu não o matei. Juro: pelas cinzas de minha mãe, pelo amôr que eu devotava a elle. Não o matei. Matá-lo seria matar a mim mesma, matar a minha felicidade, matar a razão de ser da minha existencia...

— A senhora mente...

— Não minto, não, senhor doutor.

— Mente, sim, senhora. Seu cynismo é revoltante. Seu crime é uma nodoa monstruosa ao bom nome, á pacatez, á honra deste lugar. E só será lavada, em definitivo, quando a senhora fôr condemnada á pena que a consciencia dos homens de bem lhe impuzer. A senhora é a unica responsavel por esse crime hediondo que, si não soffrer uma repulsa violenta, será o incentivo de muitos outros. A accusação contra a sua pessôa é tremenda e as provas são esmagadoras...

Presa, Irene, que não dispunha de recursos sufficientes para impetrar uma ordem de *habeas-corpus*, esperou resignadamente, pacientemente no carcere immundo, o dia do seu julgamento, o dia em que ia responder por um crime que não havia praticado. E esse dia, ansiosamente esperado, surgiu, afinal, sob um céo cinzento e um sol luminoso, dia triste, que coincidiu com a tristeza dessa pobre creatura, enjaulada, innocentemente, fazia tres longos mezes.

O jury foi um acontecimento sensacional. Sensacionalissimo. Reuniu sob o técto do *forum* o que a cidade possuia de mais selecto e, tambem, de menos representativo. Após debates acalorados, apartes, réplicas, tréplicas, Irene foi condemnada, sem mais nem menos, á pena de dez annos de prisão cellular. Dez annos de prisão foi o *veredictum* do respeitavel tribunal do Jury. Dez annos de prisão, de terrores, de decepções amargas e de soffrimentos foi o castigo escolhido para uma pobre rapariga inoffensiva á sociedade, pelos respeitaveis e inconscientes senhores jurados que, á sahida, sorriam satisfeitos, como si tivessem livrado o paiz de uma catastrophe social!...

Desgraçada justiça humana!

Deixando a sala, exactamente no momento em que era escoltada para o carcere, Irene, a linda mulata, que era o feitiço da rapaziada da cidade, fez este protesto que era bem o éco da sua angustia interior, do seu desespero intimo:

— Juro que não sou criminosa! Não matei meu amante, como os senhores julgam. Não o matei. A consciencia dos senhores falhou miseravelmente. Mas a justiça divina, que é eterna e omnipotente, não falhará nunca.

Em seguida, atacada de uma forte crise de nervos, foi Irene conduzida para o carcere, onde cumpriu, resignadamente, a pena que lhe fôra imposta...

Deixando a prisão, desappareceu da cidade, como por encanto. Nunca mais a vi, nem a cidade, tambem...

* * *

Hontem, entrou a sala da delegacia de policia um homem de corpo rigido, selvagem, quasi brutal. Queria falar ao delegado. Estava impaciente. Notava-se que um motivo de importancia o preoccupava muito. E' que — falando ao commissario de dia — soubéra que Irene estava presa e desejava vêl-a...

Era o amante de Irene, que, após dez annos de inexplicavel ausencia de casa, voltava agora para o doce convivio com a companheira que era o sol da sua vida e o céo azul do seu destino...

Os espelhos antigos

I

—QUANDO eu era menino — disse Claudio Berney — os espelhos me causavam um médo horrivel. Eram como abysmos, coisas vazias e vertiginosas, deante das quaes nunca me detinha por minha vontade. A' hora do crepusculo, á noite sobre tudo, elles me pareciam terriveis. Os objectos movem-se, então, de um modo tão estranho, com uns reflexos tão longinquos, tão profundos, tão mysteriosos!...

"Havia, em casa de meus paes, no fundo de um corredor, uma terrivel lua, que me parecia uma janella aberta sobre um mundo de larvas, de mares e de vampiros. Quantas vezes se me arrepiaram os cabellos ao ver-me na necessidade de passar pelo corredor á hora sombria em que se levantam os morcegos!

"Depois perdi esse médo. Mas conservei sempre uma especie de instinctiva desconfiança pelos espelhos. Não ha qualquer coisa de pérfido, enganoso, nessas superficies quasi invisiveis, em que os objectos se invertem, em que nossa mão direita parece a esquerda, em que a escripta ás avessas se torna normal? O espelho é o mais assombroso symbolo que nos vem demonstrar que quanto no mundo existe é pura apparencia, ou, pelo menos, que não ha nada que seja inteiramente real visto de dois modos differentes...

"No emtanto, ninguem póde ter tantos motivos como eu para amar esses moveis familiares. Um delles representou em minha vida um verdadeiro papel de fada bemfazeja. Que seria de mim sem a intervenção desse espelho?

"Tinha eu, então, vinte e tres annos e pertencia á estupida corporação dos timidos. Chateaubriand, que se vangloriava de ter possuido um temperamento extremamente retrahido durante sua juventude, comparado commigo poderia passar por uma *aguia* no que concerne á audacia.

II

"BEM. Eu tinha vinte e tres annos e estava apaixonado. Mas apaixonado sem esperanças. Era no verão. O castello vizinho ao nosso estava alugado a uma familia de Lombardia, e as circumstancias crearam uma sólida amizade entre meu pae e os forasteiros. Eram uns lombardos loiros, deliciosos por sua petulancia, seu engenho e sua refinada elegancia. O pae parecia um retrato de Van Dyck. A mãe conservava restos de uma belleza maravilhosa, e a filha, Francesca, juntava á côr e á fascinação das loiras, esse divino encanto, essa flexibilidade harmoniosa, essa vivacidade alegre e rythmica, que tardará ainda muitos séculos em transmittir-se das raças meridionaes ás raças do Norte.

"Apaixonei-me por ella quasi de repente, e meu amor se desenvolveu completamente em muito poucas semanas. Mas era o caso que quanto mais apaixonado estava, mais me diminuia e me acovardava em sua presença. Estava inteira e realmente convencido de que a q u e l l a esplendida creatura não poderia corresponder-me. Em regra geral, costuma haver certa esperança occulta no fundo das desesperanças mais intensas. Tal coisa não me occorria a mim. Um theorema de geometria não me parecia tão

...Alta *novidade* para embellezar o bello sexo...

Com a touca onduladora "FADA", que se vê na gravura acima, obtem-se a mais perfeita ondulação, em menos de 15 minutos. E' um apparelho maravilhoso, de applicação facil e commoda. Indispensavel no toucador da mulher "chic". Mediante a remessa de 20$ em Vale Postal ou Carta com Valor, manda-se esta touca para o interior. Pedidos a P. Schmitz, Rua Gen. Camara 113, sob. sala 4, Tel. 3-4075 Rio de Janeiro. Acceitam-se revendedores, tambem para outras novidades, mediante condições especiaes. Recorte e guarde este annuncio.

O BANHO

Leme... Ipanema... Urca... Boa Viajem... Icarahy... sitios encantadores á beira mar, emoldurados de montanhas, doirados de sol, bafejados pela brisa fresca do Oceano...

Pontos de *rendez-vous* elegante, onde se conversa, se *flirta*, se faz sport e tambem... se toma banho.

Como aquelle sujeito que dizia que o mais apreciavel nos espectaculos do Lyrico eram os entreactos, há quem aprecie no banho de mar, mais do que tudo, o tempo que se leva na praia, fóra do banho.

Longe vão felizmente os tempos em que os banhistas se apresentavam nas praias como que uniformisados em pesadas roupas de baeta, de uma desconcertante monotonia. Só se tomava banho de mar, dentro dagua.

Hoje a mór parte do banho se toma na praia; e é banho de sol, banho de luz, banho de civilisação e até os primeiros preparativos para banhos... de egreja.

A moda multiplicou as toilettes das banhistas, de tal sorte que

evidente como a impossibilidade de chegar a ser o marido de Francesca. Assim é que nem siquer passou por meu espirito o proposito de cortejál-a. Amava-a desinteressadamente, occultando minha paixão como si fosse um sentimento ridiculo ou vergonhoso.

"Portanto, embora fosse considerada esperta, a formosa lombarda não chegou a suspeitar n a d a. Acolheu-me com agrado. Mas deve ter acabado considerando-me um individuo insociavel. Falava-me bem pouco e friamente.

"Enlouqueceu todos os moços do logar. Mas, durante muito tempo, ella pareceu indifferente á universal homenagem que se lhe fazia. No emtanto, acabou fazendo sua escolha. Viu-se claramente que Alfredo Frontault obtinha marcada preferencia sobre seus rivaes. Francesca, sincera e nada coquette, não occultou o agrado com que via aquelle joven, e eu, por minha vez, tinha que reconhecer que elle era superior aos demais pretendentes. Mas isso não podia servir-me de consolo. A só idéa de que Francesca pudesse casar-se me tornava louco. Eu dava grandes passeios pelas margens do rio, com a cabeça em fogo, com o coração opprimido de angustia, com palpitações dolorosas. Constantemente, pensava no suicidio.

III

"UMA tarde foram visitar-nos os Luraghi, — que assim se chamava aquella familia, — e longo tempo estiveram em nossa casa. Francesca, minha irmã e minha prima, depois de dar um passeio pelo jardim, voltaram ao salão, onde eu tive a sorte de ficar sozinho com a adoravel filha da Lombardia. Quando Francesca se distrahiu um momento, para olhar qualquer coisa do outro lado, eu lhe atirei com a ponta dos dedos um beijo de ternura, suppondo, naturalmente, que ella não surprehendesse meu g e s t o atrevido.

"Nesse momento, minha irmã regressava para junto de nós.

"E eu não pensei mais no beijo dado de longe...

"Decorreu um mez, e, uma tarde, Francesca me fez, sem testemunhas, u m a pergunta que, positivamente, me encheu de surpresa.

"—Quero que você me diga uma coisa — falou ella. — Mas, supplico-lhe que seja inteiramente sincero..., pois preciso tirar-me de uma duvida enorme... Este espelho fala a verdade?...

"Eu tremia da cabeça aos pés. Estavamos os dois sentados exactamente na mesma posição do mez anterior, no dia em que minha irmã nos deixou a sós para ir buscar umas photographias.

"—Bem — continuou Francesca, em voz baixa: — si o espelho me disse a verdade... é necessario fazêl-o falar outra vez.

"Felizmente, naquelle momento prodigioso em que se havia de decidir minha sorte, embora me perturbasse muitissimo, não commetti uma estupidez. Respondi como devia responder. Levei a mão aos labios e atirei o mesmo beijo que atirára da outra vez á adoravel cabecinha loira... E como então — só agora o vi — o espelho repetiu meu gesto.

"E Francesca perguntou-me, muito seria:

"—E' para sempre?

"Lancei-me a seus pés, beijei-lhe o vestido, soluçando de amor, e ella, levada do instincto supersticioso, me perguntou:

"—Não acha você que os espelhos antigos, á força de misturar-se á vida intima dos seres, acabam tendo uma especie de alma?...

J. H. ROSNY

DE MAR

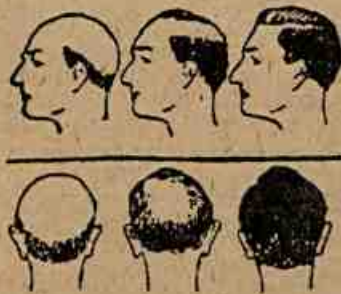
Há hoje, muito que ver na arte de vestir nesse local em que tão pouco vestidas estão as senhoritas.

Há combinações de côres realmente encantadoras e os feitios dos *maillots* offerecem uma variedade que deleita a vista.

Devemos, entretanto, considerar que o sol das nossas praias sendo assás violento e a agua do mar atacando fortemente o colorido das fazendas é preciso um cuidado especial na escolha das roupas de banho para que ellas não apresentem o aspecto de velhas e fanées.

A roupa de banho exige, por seu proprio destino, tecidos de côres fixas, para que não tirem toda a graça de quem as veste.

Hoje pode-se ter a certeza de adquirir *maillots* e os modernissimos pyjamas de côres solidas, resistentes ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens, bastando para isso exigir que sejam de tecidos tintos com Indanthren.

Não comprem tecidos sem verificar se trazem a etiqueta registrada Indanthren, garantia da insuperada fixidez do colorido.

Queda do cabello

As caspas e a seborrhéa do couro cabelludo são, na maioria dos casos, as causas da queda do cabello.

Os foliculos são por ambas obstruidos, resultando a morte do cabello.

No dominio da sciencia moderna, ha uma descoberta que custou uma fortuna.

Trata-se do especifico Loção Brilhante, tonico antiseptico que dissolve a caspa e destróe a seborrhéa supprimindo o prurido.

Combate todas as affecções parasitarias e fortifica o bulbo piloso.

Nos casos de calvicie declarada com o uso consecutivo por 2 mezes, a Loção Brilhante faz resurgir os cabellos com novo vigor.

O SUBMARINO

LANÇADO o torpedo, Meyer sahiu á superficie, ansioso de contemplar sua obra.

A explosão fôra violenta, á distancia de uns duzentos metros... Não suppunha estar tão perto... E utilizou o periscopio para evitar qualquer surpresa.

O logar onde se encontrava o navio torpedeado era uma confusão de coisas indecifraveis, que se misturavam e se contrahiam como si obedecessem aos caprichos de uma erupção submarina que agisse com intermittencias. Sobre o mar fluctuavam pedaços de madeiras, lanchas com quilhas para cima: nellas se amontoavam racimos humanos... Nem siquer a sombra do menor dos torpedeiros...

Meyer resolveu subir a flôr dagua.

Emergiu, e subiram á torre homens armados de máuser, que escolheram como victimas, entre os náufragos gesticulantes sobre lenhos e lanchas, os que estavam uniformizados... Quando se distinguia um, se divertiam disparando-lhe um tiro... A's vezes, matavam uma mulher... ou um menino... cujos corpos perdiam o equilibrio, antes de desapparecer...

Meyer se distrahia com aquelle espectaculo, que sabia apreciar como entendido na materia. Através de seu binóculo, vislumbrou algo escuro, que se debatia na perseguição de um objecto fluctuante, fazendo inauditos esforços para alcançal-o. Não muito longe, algo que parecia um chapéo o seguia sobre as aguas.

Quando o náufrargo já estava perto, Meyer viu que era um sacerdote procurando chegar a um barril vazio, que fluctuava dando voltas. O sacerdote, agarrado ao barril, ora ficava em cima, ora em baixo. Depois o soltava, e o barril, abandonado a si mesmo, se afastava. O sacerdote fazia novos esforços para alcançal-o.

Esse exercicio fazia um bom quarto de hora que durava, e interessava enormemente a Meyer. De repente, embora parecesse extenuado, o náufrago, reunindo todas as suas energias, conseguiu subir ao barril e refugiar-se nelle.

Assim, illuminado a plena luz, com sua molhada sotaina pregada ao corpo, offerecia um alvo magnifico aos atiradores de Meyer... Mas seria muito fácil liquidál-o de um só tiro... Era melhor que o prazer durasse, prolongando a scena e adornando-a com alguns floreios, destinados ao embellezamento do final.

Os projectis começaram a cahir em torno do barril. A victima não parecia commovida pelos disparos, sendo sua unica preoccupação a de manter-se fluctuante sobre o barril salvador. Depois que sua taboa de salvação recebeu alguns tiros, olhou para seus futuros assassinos.

Meyer distinguiu um rosto livido, ossudo... cabellos crespos, pegados ás faces, um corpo longo e fraco, oscilando sem tréguas... Um dos braços do sacerdote se ergueu para o submarino... Meyer vacillou por um momento, porque era um pouco supersticioso... mas não muito... Immediatamente, seu temperamento venceu o temor de divinas represalias, e elle se poz a rir, com riso sonoro. Occorrêra-lhe uma idéa diabolica.

A sua ordem, dois dos melhores atiradores se collocaram ao pé da torre e atiraram para o fundo do barril no momento em que este submergia.

Tres ou quatro disparos não deram resultado. O quinto feriu, numa das pernas, pois elle se agitou e baixou a mão, procurando o ponto ferido.

Os tres disparos successivos foram mais felizes.

Pelos buracos abertos a agua penetrou lentamente. Meyer ordenou outros dois, em seu desejo de complicar aquella agonia... E então, o barril começou a inclinar-se, tomando uma posição perigosa para o náufrago.

Quando este notou a situação, rasgou febrilmente a batina, e com os pedaços procurou tapar as vias de agua.

Mas o pobre estava no fim de suas forças. Pouco a pouco, o barril se afundava, abandonando-o ao liquido elemento. Tentou resistir, mas, afinal, exhausto, se entregou á morte.

Emergiu, por alguns instantes, uma mancha negra. Depois, tudo desappareceu... Só o chapéo do religioso continuou movendo-se sobre o mar.

Interrompendo os gritos de alegria, appareceu Otto, o segundo de Meyer, e disse-lhe qualquer coisa ao ouvido, indicando-lhe um ponto no horizonte. Meyer, através de seus occulos de alcance, divisou o penacho de fumo de um torpedeiro.

O submarino mergulhou a vinte metros.

Meyer resolvêra rumar para o norte, afastando-se assim das zonas perigosas, afim de emergir ao cahir da tarde, para fazer a necessaria provisão de ar. Mas achou prudente servir-se do periscopio para ver onde se encontrava o torpedeiro.

As granadas são a arma mais perigosa para os submarinos. Reguladas á vontade de quem as lança, explodem na profundidade conveniente e seu raio de acção é mais que sufficiente para produzir resultados seguros. Meyer sabia-o, tendo-se salvo de taes perigos em circumstancias verdadeiramente dramáticas.

— Immersão a quinze metros...

Atenuado pela massa liquida e pela espessura das paredes, percebeu-se então, um rumor longinquo, caracteristico... Algo como o ruido de uma hélice. Meyer e seu segundo, com o ouvido alerta, procuravam adivinhar a direcção seguida pelo torpedeiro. Não conseguiam: dir-se-ia que o rumor se afastava e se aproximava indistinctamente, segundo as variações das ondas sonoras que chegavam até elles modificadas pelas diversas correntes marinhas.

De Bernardo Franck

Depois de uma hora, tendo cessado todo o rumor, Meyer convidou Otto a que escutasse da torre, sendo alli as vibrações mais sensiveis em virtude do contacto dos vidros com a agua. Otto desappareceu através da porta de segurança momentaneamente aberta pelas circumstancias...

Tres segundos depois, a tripulação ouviu um gemido, seguido da quéda de um corpo. De um salto, Meyer se precipitou através da abertura... Viu Otto com os braços cruzados, extendidos ao pé da escadinha. Seus olhos espantosamente abertos olhavam pela janellinha lateral da esquerda, e seu olhar era o de um homem presa do mais tragico horror.

Ajudado pelos marinheiros, Meyer o levantou... Otto não voltava á normalidade... Depois, com o dedo na direcção da janellinha, gritou:

— Alli... alli...

Olharam, e só viram o movimento da agua esverdeada que se destazia em voltas sobre os vidros, e sacudiu energicamente seu segundo:

— Você enlouqueceu, meu querido Meyer?

Este o olhou. Em seus olhos resplandeciam relampagos.

— Não... Alli... Vi-o... Veiu... Olhou-me...

— Olhou... quem?...

Bruscamente, Meyer o deixou no chão e passou a seu posto. Mas, immediatamente, ouviu novas vozes, agora dos marinheiros. Os tres se afastaram da torre, como que expulsos por alguma apparição fantastica.

E eis que pela parte exterior, appareceu um espectro, que se chocou com o vidro. O espectro tinha uma cara exangue, os olhos fóra das orbitas, os labios tumefactos... O negro cabello descia pelas faces...

Mais corajoso, Meyer se aproximou do vidro. Um passo... dois... Mas retrocedeu de repente, presa de estrecimentos de terror.

No espectro reconhecêra o rosto do sacerdote que uma hora antes fôra martyrizado. A corrente o lançára contra a torre, ora erguido, ora inclinado, a modo de fantoche.

Meyer ficou sem palavras, obsecado por supersticiosas idéas. A presença do cadaver, quando o julgava já longe, lhe revelava o caminho percorrido durante os dez primeiros minutos de marcha... Ou então a corrente havia levado o submarino ao local do crime. Pensou na maneira de se desembaraçar do morto... Só havia uma: virar contra a corrente. Só essa manobra lhe permittiria afastar-se do intruso. Assim se fez.

Nada mais se viu de anormal. Cahia a noite, e uma neve subtil cobria a superficie do mar. Mandou um marinheiro á torre para verificar si por alli ainda fluctuava o cadaver. Pela expressão de terror do marujo, comprehendeu que tudo continuava como dantes...

Naquelle mesmo instante uma detonação retumbou no espaço, sacudindo as paredes do submarino. Meyer, do periscopio, viu a trajectoria da granada, e immediatamente ordenou a submersão.

Passaram-se alguns segundos, interminaveis durante os quaes o submarino se manteve entre quarenta e cincoenta pés de agua... O homem que estava de sentinella na torre annunciou que o morto havia desapparecido. Meyer e Otto respiraram e os outros tambem.

Pouco depois, Meyer julgou conveniente pôr-se em marcha.

E eis que, de repente, a helice parou... sem causa apparente.

Foram revistados todos os apparelhos, mas tudo parecia funccionar regularmente. A helice gyrou..., mas, como que frieada por algum obstaculo, se deteve definitivamente.

Meyer ficou alarmado. Um rumor qualquer era sufficiente para revelar a presença do submarino. O torpedeiro — deviam ser dois, a julgar pelos apparelhos acusticos — se moveu durante um par de horas, e depois retornou ao silencio. Meyer procurou, então, subir, mas a dez metros o submarino se deteve... Não havia nada a fazer... Um corpo solido se incrustára na helice...

Meyer consultava seu relogio. Eram onze horas da noite. O ar estava pesado. O essencial era subir durante a noite para renovar a provisão de oxygenio.

Uma nova tentativa lhes deu alguma esperança. Emergiu o periscopio, sem que o olhar do observador descobrisse nada de particular. Essa tranquillidade, a principio, foi apenas passageira. Um projector se acendeu inesperadamente, varando as trevas da noite. E Meyer mal teve tempo de submergir e evitar assim a abordagem.

A sessenta pés abaixo dagua viveram horas tetricas, tragicas, respirando um ar viciado. Por volta da meia noite, seus ouvidos zumbiam. Depois começaram a bater suas faces, como que mordidas por feras.

Ao despontar a aurora, a *Cocarde* e a *Sémillante* descobriram um submarino immovel. A trezentos metros de distancia, bombardearam-no ferozmente. Coisa estranha. As torres do submarino estavam hermeticamente fechadas.

Pouco a pouco, o submarino se inclinava, fazendo agua por toda parte... Começou a afundar-se pela prôa, e sahiram da agua o timão e a helice. Desta ultima pendia uma massa informe, que os marinheiros dos dois torpedeiros não conseguiram identificar.

Uns diziam que eram pedaços de carne sanguinolenta. Outros que eram retalhos de fazenda preta..., da usada para confeccionar habitos ecclesiasticos...

MASCATES DO JOAZEIRO

O sol, ao zenith, dardejava raios aggressivos e chammejantes, e a estrada que vem da villa, subindo e descendo altos, tremia de quentura, fiammejando á vista como sendaes de gaze repuxada. Ali, numa clareira esconsa, se erguia, acanhada na sua rusticidade, a casa do Bastião Mulato. A' sua frente, alguns caboclos suarentos fincavam espeques que iam suster a latada de folhas de oiticica, — signal evidente, annunciante do samba sertanejo... Pararam de trabalhar, lavancas e machados ás mãos, olhando admirados para os dois desconhecidos que surgiam no pequeno pateo, conduzindo burros gingantes sob a pesada carga de caixões enormes. Atalhando os animaes, foram chegando os tropeiros com o seu "bôa-tarde" largo e bonacheirão.

— Ih! festa hoje aqui!?

— Inhor sim! S'arranche, moço. Qual é sua graça e donde vem assim, que mal pergunto, — falou o Bastião, indo ao encontro do forasteiro, a quem estendeu a mão callosa.

— Sou o Ricardo d'Ambulancia e venho do Joazeiro.

Em seguida, o rapagão sympathico, alto e espadaúdo, como resolvesse ficar para aquella noite expôr ali sua vendinha, soltou esta phrase para o companheiro:

— "Entonce vamo pernoitar por aqui".

O outro, o almocreve, era um cabrocha amarello de pouca idade, mal encarado, sonso, de olhares fugidios, revelando, á primeira vista, todas as tendencias para o mal, e ostentava um longo punhal de 2 palmos, a apparecer, pendente da cintura, sob as fraldas da camisa. Tiradas as cargas, o Bastião perguntou, curioso, o que ellas continham tão pesado.

— Umas bobagens, uma porção de miudezas: calçados e artefactos de sola, meias, sombrinhas, rosarios, terços, medalhas, correntes, anneis e joias de todas as variedades... registo de santo, retrato do Pe. Cicero...

— Inté retrato de Meu Padrim? — atalhou, mixto de admiração e interesse, o Bastião, interrompendo a citação do mascate, feita na ponta dos dedos.

— Sim! Retrato fiel, grande, tirado já este anno.

E o matuto, tocado desse fanatismo doentio que se creou, por essas plagas nordestinas, em torno do venerando clerigo, gritou da porta para o interior da casa, chamando a mulher e a filha:

— "O gente! Vicença! ô Prazeres! venham ver meu Padrim Cirço!...

E quando veiu a noite, a casa do Bastião se encheu de gente, de um ar festivo, da alegria luminosa que lhe emprestavam innumeros candieiros bruxoleantes e o clarão purpureo das fogueiras postadas pelo terreiro... Embrenhava pelos ermos a melopéa bárbara da musica roufenha e offegante da sanfona, acompanhada ao batuque rythmico do pandeiro rufador... Era o samba em plena funcção. Por uma das veredas que para lá se botavam, Zé Ignacio caminhava apressadamente, assobiando, monologando. Ali, desfechava com o de Zé Ignacio: — "Cabra trabalhador, esperto, diligente, como quizer; mas, quando "tomado", que sujeito turbulento e precipitante!"

Suas façanhas valeram-lhe, desde cêdo, a fama triste de valentão que elle prezava como um trophéo glorioso e que corria, recortada de feitos heroicos, aquellas redondezas. Tal idéa era que, naquella occasião, empolgava o caboclo destemido, forte, atarracado, cujo vulto mergulhava affoito, subtil como uma sombra, nas trevas densas da noite... Mas, chegando ao riacho onde uma cacimba rasgava o seio da terra, offerecendo agua a

Ainda um consolo...

Deixei que fosses sem sentir que ias,
fechei os olhos sem poder abril-os,
cruzei os braços sem querer cruzál-os,
eu quiz gritar, pedir que inda ficasses,
mas faltou esse grito e tu seguiste
pela estrada que se abria ante teus passos...
Levaste comtigo as minhas alegrias,
o esplendor dos meus dias encantados,
a seiva moça que me alimentava,
o ouro em pó de tantos ideaes,
a vontade invencivel de subir,
o canto que morava em meus ouvidos
e me embalava nas horas de inquietude.
Já não vejo a esperança, os meus sentidos
se esgarçam na ansia de attingir,
ha desanimo em mim, meu espirito fraqueja,
falta-me o chão, a luz, a vida, o amôr...
Eras em mim a força animadora

Jucá uma pancada contra um tôco secco, dando um pulo violento, num esgar de onça saltando; acolá, era um grito lugubre, tonitroante, que lhe escapava da garganta, ecoando no socego calado das caatingas. No emtanto, — sozinho e Deus... Não temia os espiritos das trevas, as almas do outro mundo, nem as deste, si viessem a peito. Tivesse armado, assim, de cacete e faca — esta, larga e achatada como o physico do dono e tão grosseira como o seu bronco intellecto! — e era o quanto bastava, não obstante contar elle varios inimigos, adquiridos todos em brigas pelos sambas e por onde andava. Todos diziam

fartar, o Zé Ignacio desviou o seu pensamento para a filha do Bastião Mulato. E' que fôra ali mesmo que, havia poucos dias, uma tardinha em que a Prazeres viéra buscar agua, Zé Ignacio lhe revelára seu amor e, repetidamente, lhe perguntára si queria casar com ele. E, envergonhada, as faces morenas enrubescidas, ella baixára a cabeça sem lhe dar resposta, a almejada resposta que ao primeiro encontro seria novamente reclamada.

Emquanto lavava os pés á beira da cacimba, para depois calçar as alpercatas de rabicho, atordoava-o a duvida sobre a decisão da moça a quem amava com ve-

De F. Magalhães Martins

mencia. E, a seguir, entornando o chapéo de couro, mui pesado e de copa conica, que o defendia nas brigas das cacetadas inimigas, elle despejou na bôcca a grande masca de fumo; e poz-se, outra vez, a caminho da casa do Bastião, com o coração cheio de sonhos e contentamento...

* * *

Quando elle chegou, desde muito tinha começado a festa. Rapazes e moças, aos pares, rodopiavam animadamente pela latada, aos requebros allucinantes do tango sertanejo. O tal de Ricardo d'Ambulancia dançava e conversava alegremente com a Prazeres, cingindo-lhe a cintura perturbadora, e isso, para logo, entristeceu o Zé Ignacio, dando azo a um ciume desconfiado, de que elle se desabafava, porém, votando indifferença á mesma. Não participava das danças e andava por entre a alegria orgiaca do terreiro, de banca em banca, sorvendo, aqui, uns goles quentes de café, ali saboreando um trago capitoso de cachaça e acolá dando uns lances baratos no bacará, jogado num baralho amarrotado e sujo que se repartia entre uma meia duzia de homens cujos rostos brilhavam sordurosos á luz vermelha da lamparina fumegante... Em todo canto elle topava com um dos seus desaffectos, que, zombeteiros, pareciam chacotear da sua derrota amorosa...

E, finalmente, decorridas horas, o Zé Ignacio embriagou-se, tornou-se insolente e rico como quasi todo bebedo. Distribuia, com os amigos, cigarros, chicaras de café e "pingas" de cachaça, emquanto que, a cada passo, chasqueava indirectas aos homens da sua malquerença...

Lá pela meia noite elle estava sentado a uma ponta de caixão, onde se estabelecia — risonha pela alegria lantejoulante das suas quinquilharias e pelos seus vidrinhos de extractos — a vendola do mascate, entregue ali ao almocreve e discutia o preço de umas sandalias (talvez um presente para a Prazeres), quando chega Roberto, suado de dançar, o qual lhe pediu sahisse de cima do caixão pois que o arrebentaria. Mal sabia o homem estranho que, involuntariamente, tinha lançado a scentelha no paiol da intriga... Houve, então, risos sarcasticos da parte dos desavindos de Zé Ignacio, e o Doca Azulão — o mais ferrenho de seus intrigados — aproveitando o ensejo para atirar o cartel, rentou nesse insulto:

— S'alevanta do caixão alheio, "seu" individuo!

— Prompto! Apois por desafôro nem m'alevanto nem vejo quem m'alevante á força... e, si quizerem expromentar, s'arraste, canaia besta! — retrucou, enraivecido, o Zé Ignacio, quebrando a aba do chapeo, de barbicacho soqueixado, e fazendo com o cacete empunhado um largo e altivo gesto de desafio, disposição e coragem...

Pelos cerebros obtusos dos caboclos perpassou o impulso incoercivel da raiva bravia, ziguezagueando como um corisco electrizante e fulminando o pouco de razão que taes cerebros embotados pelo alcool acaso tivessem. E, num abrir e fechar d'olhos, a refrêga desencadeou terrivel, indomita, formidavel... Uns gritos, uns estallidos sêccos de pau, um panico desenfreado, um escarneo de touros brigando... Subitamente, todas as luzes se apagaram, cessaram as danças, os toques e o *treco-treco* raspante dos bozós, rematado por uma tacada forte e irritante sobre as mesinhas, no vascolejamento dos dados no jogo-do-caipira.

E, ao cabo de algum tempo, quando tinha acabado a "chuva" de cacete que daquella feita conseguira abater o Zé Ignacio, quando tudo já se havia acalmado, foi, com surpresa, encontrado o mesmo ensanguentado, aturdido e prostado ao chão, em virtude de forte paulada na cabeça, e, a poucos passos delle, o cadaver de Ricardo déAmbulancia...

"Foi o Zé Ignacio! Que cabra preverso... e inda vivo... Gente ruim não morre! Prendam o criminoso!" — eram vozes que se ouviam dé todas as bôccas. E, simultaneamente: "Gente! chega aqui pra pegar o defunto! Inda quente, coitado! Nem teve tempo de levar vela na mão... Vamo vêr: 'garra ali, pega no braço, segura na cabeça, leva pra rêde!" Quanto ao Zé Ignacio a accusação engrossava unanime, tremenda: "Criminoso! Lastima, parto ruim! Mas, t'ahi: fim desordeiro é cadeia ou *sumitero*..."

Das pessôas que o cercavam, foi a Prazeres, banhada em lagrimas e cheia de piedade, a primeira que elle reconheceu na confusão turvada de sua vista quando tornou a si, depois do extenso lethargo; a seu lado, tambem, estava o cadaver do mascate, pallido e endurecido na rêde muito alva, estirada ao chão... E matutou um instante, fez menção de levantar-se, quiz perguntar o que era aquillo, mas, reminiscencias vagas

(*Cont. na pag. seguinte*)

Que me impellia com o impeto dos ventos,
davam-me ternura os teus olhares,
a tua bôcca dava-me alento.
Eram um só os nossos pensamentos,
— tua voz cantava em minha voz —,
havia em nosso peito um mesmo affecto,
a mesma offerta de amôr ao nosso amôr.
Mas tu foste seguindo passo a passo,
— cabeça erguida, olhos no infinito —,
levando comtigo á minha aspiração,
um pouco dos meus versos, — muito mais:
um espirito partido e um coração...
Agora, que não te posso ouvir á fala,
que os teus olhos fugiram dos meus olhos
e a minha mão não encontra a tua mão,
quero que fique em mim este consolo,
de saber que te posso ainda rever
e que póde ser minha uma outra vez!...

De
J. M. Brinckmann

a lhe baralharem na cabeça, elle quasi que adivinhando tudo, por se ver inquerido de cordas e pela maneira com que tanta gente o encarava, teve, assustado, essas palavras timidas de contestação:

— Não! Não fui eu, não... que matei o homem... não!

— E inda s'astreve a negar, o individuo! — fulminou-o, assim, o companheiro do morto.

* * *

A "seu" Nonato, o "letrado" subdelegado de Tapéra, chamado para tomar conhecimento do facto delictuoso, contou-se minuciosamente como se déra o tragico acontecimento. A unica testemunha de vista era o Vicente Pires, nome porque attendia o almocreve. Mais do que os outros, o seu depoimento condemnava a Zé Ignacio, de tal modo a affirmar irrefutavel e categoricamente têl-o visto cravar a faca no peito do mascate. Pranteava a morte qual si fôra a dum proprio irmão; e declarava que era tambem de Joazeiro e que estava disposto a tomar conta dos haveres deixados pelo amo — dinheiro, burros e a venda, — para ir entregál-os, "tudo direitinho", á familia do mesmo.

— Não! Quanto a isso — dizia o subdelegado — eu nada resolvo emquanto não ouvir á Justiça. Levo commigo o dinheiro (dois contos e tanto encontrados no bolso de Ricardo), e o mais fica aqui com o dono da casa.

E falando em auto de apprehensão e quejandas coisas, da nomenclatura policial que pasmavam aos tabaréus, o presumido subdelegado dava o ponto final na questão, concluindo, assim, para Vicente Pires:

— Pois é isso: si o juiz decidir que se deva entregar tudo, como você quer, lá mesmo eu passo o dinheiro pra suas mãos e você volta pra receber aqui do Bastião os animaes e os caixões de mercadorias.

Mascates do Joazeiro

(Conclusão)

E, virando-se para Zé Ignacio, balanceando a cabeça como que lamentando-lhe a irremediavel desgraça:

— T'ahi o que você queria: Criminoso de morte... preso em flagrante... Nem "habeas-corpus" lhe dá geito.

Zé Ignacio, que preferia estar calado e, quando falava, obstinadamente negava a autoria do crime que lhe era attribuida, fez, embora em vão, este protesto:

— Estas mãos, nem faca minha nunca furou esse cadaver. Si fosse eu num tava negando.

O subdelegado interpellou os presentes sobre a faca pertencente a Zé Ignacio, ao que o almocreve, após ter apalpado o cós e entregue a mesma, respondeu: "T'ahi a maldicta... Mas... nem mancha, nem molhada de sangue ella 'tava quando foi tirada das mãos delle. Parece que enxugou ella ao dispois... Como gato: dá a *zunhada* e esconde a unha..."

Com effeito, a lamina da faca não revelava nódoa alguma. Não havia o indicio que, muitas vezes, é bastante para accusar o verdadeiro assassino, e isso causava especie a todos...

No alvorecer do dia seguinte, um grupo de homens demandava a villa, conduzindo o cadaver de Ricardo d'Ambulancia, e, mais adeante, os braços amarrados de cordas, escoltado, o Zé Ignacio... De onde em onde elles se detinham para explicar a quem iam encontrando o motivo daquella desgraça. E, apesar de ser a victima pouco conhecida por aquelles rincões, invariavelmente, se repetia a infallivel optação — *Deus se lembre d'alma delle!...*

Horas depois, lá na cadeia enorme da villa se agglomerava u'a multidão de curiosos. No portão entrava e sahia gente, formigando. Poucos conheciam de nome o morto, nem o reconheciam pela physionomia demudada. Com o assassino, — era o contrario, e todos queriam vêl-o, ao Zé Ignacio, entre as grades do carcere...

Depois, foi-se proceder á autopsia e á instauração do inquerito. E estavam, delegado, testemunhas e o criminoso, na sala de audiencia da delegacia, quando entra o escrivão sobraçando um papel. Era o laudo dos peritos. Vendo-o, foi que o delegado teve uma idéa ao ler que: — ... *"constataram uma ferida incisa produzida por instrumento perfuro-cortante, com orificio de entrada no terceiro espaço intercostal, lado esquerdo, e de sahida na região lombar correspondente, ambos medindo dois centimetros de largura..."* E, logo a seguir:

— Como é que, segundo os medicos, o ferimento mede apenas 2 centimetros de largura, e sua faca chega a ter quasi 3 dedos, hein? "seu" Zé Ignacio?

— Já disse e morro dizendo que não furei ninguem.

— Não tem a allegar, além do que já declarou, para mais alguma coisa? Não viu na occasião da lucta outra pessôa, armada de faca ou punhal?

— Ah! méde que eu vi esse rapaz puxar o punhal no *ente* que entrou a briga... vi mesmo!

Todas as vistas convergiram para Vicente Pires, e a autoridade, fitando-o, redarguiu, austéra:

— Cadê esse punhal, "seu" moço?

E, o aguilhão da culpa e do remorso a verrumar-lhe a consciencia, o cabrocha manhoso e mal encarado, tremendo, suffocado, pallido, declarou:

— Não sei!... Botei no matto... Fui eu... fui eu que matei o Ricardo.

E, dahi por deante, o processo marchou, tendo o nome de Vicente Pires como réu-confesso...

Os Perigos da Vida

Como os Rins Ficam Doentes

Doenças do Coração

Comer Muito! Beber Demais!

Quando tiver praticado alguma imprudencia ou extravagancia, comido demais, bebido muito Vinho, muita Cerveja, Licores ou outra qualquer Bebida Alcoolica, para não apanhar alguma indigestão ou outro Desarranjo do Estomago, do Figado, do Baço e intestinos, convém muito tomar á noite, quando fôr dormir, Duas ou Tres Collieres (das de Chá) de **Ventre-Livre** em meio Copo de Agua!

Quem sofre de indigestão, de Perturbações do Estomago e Fermentações Toxicas dos intestinos está muito arriscado a pegar as mais Graves Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Para não padecer tão dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando **Ventre-Livre**

Estomago Sujo

A's vezes, sem saber porque, nós nos sentimos de repente muito incomodados e indispostos, com Moleza e grande Abatimento Geral, com Mal Estar em todo o corpo e Preguiça para fazer qualquer Esforço, até Dores e peso no Estomago, na Cabeça e no Ventre, emfim sem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!

Sempre que estas Perturbações aparecem assim de repente, a pessoa deve ter logo certeza de que o seu Estomago e intestinos estão muito Sujos e Cheios de Materias Putridas e Toxicas, e neste mesmo dia comece a usar **Ventre-Livre** meia hora antes do Almoço e do Jantar, para evitar que apareça qualquer Complicação Perigosa e Molestia interna ou Externa!

VENTRE-LIVRE é o Remedio de Confiança para tratar Prisão de Ventre, a inflamação da Mucosa do Estomago, Vontade Exagerada de Beber Agua, Fastio e Falta de Apetite, Gosto Amargo na Boca, Vomitos Causados pela indigestão, Arrotos, Gazes, Dores, Colicas, Fermentações e Peso no Estomago, Dores, Colicas e inflamação intestinal causada pela demorada retenção de Residuos Putridos e Toxicos dentro dos intestinos, Dores, Colicas no Figado e Hemorroidas causadas pela Prisão de Ventre!

Olhe

Ventre-Livre Não é purgante

Os Medicos sabem que os Purgantes, principalmente as Aguas Purgativas, os Sáes Purgativos, os Pós Purgativos, os Xaropes Purgativos, as Capsulas Purgativas, as Tinturas, Pastilhas, os Oleos Purgativos, os Azeites Purgativos e as Pilulas Purgativas, são todos violentos Irritantes e, com o tempo, fazem peorar os Doentes, inflamando e causando Grande Mal aos intestinos, Estomago e Figado!

Ventre-Livre é um Vigorizador Especial das Camadas Musculares dos intestinos e exerce uma acção muito salutar sobre a Mucosa do Estomago e Funcções do Figado!

Por esta razão **Ventre-Livre** faz sempre Muito bem a todos os Doentes!

Use **Ventre-Livre**, que os resultados serão explendidos e garantidos!

Tem Gosto Muito Bom!

Não Esqueça Nunca:

Ventre-Livre Não é purgante

Uma pilheria de máo gosto

— Escuta, velho: sinto-o muito, mas a verdade é que te fiz victima de uma pilheria... que talvez não me perdões. E' perfeitamente idiota o que fiz, e si me expulsares daqui a pontapés... reconheço que terás razão. Mas não te exaltes! Fomos companheiros... e tu bem sabes o que é festejar o primeiro de abril! De maneira que os amigos e eu quizemos pregar-te uma... e, assim, ao terminar o almoço, no qual as bebidas occuparam logar destacado, a pilheria sahiu.... um pouco exaggerada. Escrevemos a tuas primas informando-lhes... que havias morrido!

Guy Daubrandes não se deu ao trabalho de responder nem uma palavra de quantas em justiça podia ter dito a seu amigo. E como um louco se precipitou á procura de suas valises, mettendo nellas, apressadamente o mais indispensavel para uma viagem de poucos dias.

Teve a sorte de conseguir passagem em um vapor que sahiu aquella mesma tarde para a França.

Só quando já estava a bordo, commodamente installado em seu camarote, pensou em descompôr mentalmente, como o merecia, o maldito autor da pilheria de máo gosto. "Monstro! Imbecil! Malvado!.... Coitadinhas! Como vão ficar penalizadas, si, como é provavel, a tal carta chegar antes de mim!"

E' preciso esclarecer que as coitadinhas eram tres primas irmãs, que lhe restavam como única familia. Guy Daubrandes estava havia já dois annos em Marrocos, e durante esse tempo não as tinha visto. Mas suas esquisitas cartas eram a luz de seu desterro. As tres primas eram para elle cada qual mais encantadora. Com essa convicção, estava resolvido a pedir uma dellas em casamento, logo que regressasse á França... Mas, a qual das tres escolheria?... Porque, na realidade, a escolha era difficil, já que todas eram igualmente seductoras. Huguette era loira, ethérea, amante dos sports, gentilmente protectora... e e seria, sem duvida, a esposa valente, com a qual podemos contar nas horas de perigo.

Andréa, mais sentimental, mais seductora tambem, em sua fascinação de morena, provavelmente encheria mais as aspirações amorosas de Guy. Mas... Michaela... O facto é que, desta ultima, Guy não conservava sinão vagas recordações, porque, quando deixára a França, ella era ainda uma adolescente de quinze annos, de traços indecisos, e cujas cartas não possuiam o attractivo das cartas de suas irmãs, porque transparecia nellas extrema timidez... ao ponto de Guy chegar a suppôr que aquella priminha era bastante néscia.

Sim!... Decididamente, eliminaria da escolha a prima Michaela para se resolver entre as duas mais velhas.

A idéa da dor que soffreriam, ao saber de sua morte, o tortu

rava de tal modo, que chegou a comprehender por isso que o logar que ellas occupavam em sua vida..., infinitamente maior do que correspondia a seu parentesco. Toda sua alma se lançava nas azas de sua gratidão para aquellas priminhas, que haviam alegrado sua solidão, illuminando sua vida, quando, nos dias aziagos, perdido na planicie arenosa, se sentia espantosamente triste, louco, desesperado, pelo desamparo da distancia...

* * *

Ao cabo de quatro dias, chegou, afinal, Guy Daubrandes, ao destino de sua precipitada viagem. Desceu numa estação deserta e tomou apressadamente a estrada que havia de conduzil-o ao lar tão conhecido. De longe, reconheceu a casa, e, emocionadissimo, se introduziu no jardim, pelo portão entreaberto. Nas pontas dos pés se aproximou da janella do salãozinho de baixo, logar onde sempre costumavam reunir-se suas primas, para conversar com elle...

Através das gelosias quasi cerradas, deita uma olhadela, e vê Huguette e Andréa sentadas nas mesmas cadeiras de outr'ora... Devia annunciar sua chegada... ou continuar escutando sem ser visto?

Um mysterioso impulso o obriga a occultar-se ainda mais, emquanto, ansioso, escutava as vozes argentinas.

— Pobre Guy! Que coisa espantosa morrer tão joven!

— Coitadinho! Era um bom amigo!

— Viste como ficam bem nossos chapéos de luto?

— E não haviam de ficar bem! Com crêpe georgette, que favorece tanto!

As duas moças, sem suspeitar siquer a presença tão proxima de Guy — e como haviam de suspeital-o, si o julgavam morto!, — commentavam a noticia de seu passamento, que não podiam ter recebido muito tempo antes. E, certamente, ao interessado não agradaram muito as palavras que escutou, pois as primas alludiam á sua morte de maneira superficial, para passar a occupar-se immediatamente dos vestidos que se veriam obrigadas a usar durante o periodo de luto, discutindo si ficariam bem ou mal, si mais lindas ou menos attrahentes com elles.

Talvez fosse por um excesso de imaginação, mas o certo é que, no fundo de tudo aquillo, o pobre Guy julgou adivinhar uma intima satisfação em suas duas primas, como si sua morte, longe de ser sentida, fosse um acontecimento agradavel, uma vez que lhes dava um magnifico pretexto para renovar seu guarda-roupa. E afastou-se.

* * *

Perturbado, infinitamente triste, Guy desappareceu por um caminho do jardim, em direcção a um logar umbroso, onde ficou a ouvir o canto de uma infinidade de passarinhos.

Queria poder chorar, gritar seu desencanto. Tinha as primas em tão alto conceito! Por que essa fatalidade de descobrir, sob a máscara cahida, essas almas de boneca?

De repente, se detém... Perto delle, ouviu um breve soluço. Sobre um banco, com a cabeça occulta entre os braços, um pequeno ser se agita sob o impulso da dôr. Entre os soluços, ouve uma vozinha entrecortada, que pronuncia:

— Guy..., meu querido Guy..., por que morreste, si eu te queria?! Guy, meu amor..., sem ti, como poderei viver?

Seria um milagre? Dois braços estreitam apaixonadamente a pequena silhueta trémula... e, sobre o peito de Guy Daubrandes, Michaela, desatinada, palpitante, suppõe que ainda sonha...

* * *

Quem levou a maior surpresa foi o autor da pilheria, ao receber uma carta de gratidão dos noivos! E é que, na realidade, só a elle se devia — graças á pilheria de máo gosto — a revelação da immensa ternura e da profunda magoa da joven... Graças a elle, Guy poude comprehender qual era a unica que merecia o seu amor.

René Daumiere

Um canario morto...

(Á memoria de Ernesto Barreto)

UM canario morto... um poeta admiravel que já não canta...

.. ..

.. ..

Recórdo-me sempre, com a persistencia natural dos amigos, desse poeta paulistano morto em plena mocidade, mocidade radiosa e magnifica!

Vivendo insistente e teimosamente dentro de seu magnifico sonho de arte, considerando-se convictamente um poeta esquisito, pela singularidade de sua emoção e de sua expressão esthetica, avesso a amoldar-se facilmente ás imposições das novas escolas, fossem quaes fossem as decepções que esse modo de pensar e de agir lhe trouxessem, Ernesto Barreto, foi simples, deliciosa e fascinadoramente, um grande poeta, desconhecido...

No mundo elle só queria ver o que falasse ou impressionasse a sua imperturbavel fórma poetica. Quando assim não fosse, se afastava desdenhoso, com altivez, não por soberbia de caracter, mas procurando emoção até nas coisas menos emocionaes, para nós outros...

Quando se desilludia, e isso era a todo instante, procurava então o amigo para o natural desabafo, amigo que o comprehendesse, que o consolasse da amarga desdita que encontrára onde sempre procurára obter sympathia affectuosa, e, quiçá, até amor...

E' que elle, como muitos poetas, tambem tinha o seu romance...

Amou demais uma mulher, e essa mulher, não o merecendo, foi, por assim dizer, a causa principal da sua morte. Como disse um poeta, Barreto, "para colher uma rosa num galho alto não se incommodava de ferir as mãos pelos espinhos..." Para fazer essa mulher digna de seu amor, quantas vezes o poeta feriu o proprio coração!

Da sua obra, resumida aliás, evola-se, a cada passo, a impressão dorida de um mundo de sonhos e tristezas reconditas que não foram talvez formuladas...

Alma estructuralmente sonhadora, coração em plena fluencia de bondade, pela fidalguia sem par do seu espirito e pela indiscutivel honestidade de sua Arte, incompativel com o que fosse vulgar, quér na vida, quér nas letras, Barreto foi apenas, a meu ver, um soffredor!

Quando sorria — vejo-o como nos bons tempos da nossa bohemia — seu sorriso tinha algo de amargo, modo de sorrir dos que não são comprehendidos, e, talvez por isso, seus olhos viviam embaçados de um pessimismo a que chamarei destruidor...

Na idade em que a phantasia mais se accentúa nos espiritos de *élite*, como era o seu, elle só encontrou o fél que tortura e a desillusão que alquébra.

* * *

Não era, digo-o com franqueza, um elegante no malabarismo das rimas, mas, apenas um sentimentalista extraordinario, que só escrevia sob a acção do proprio soffrimento...

Tendo uma sublime idéa do valor intrinseco da poesia em si, formando juizo seguro da influencia que os poetas exercem sobre os demais mortaes que apenas *transitam* e não vivem, elle se considerava poeta e com orgulho só falava dos demais vates da nossa terra, com essa admiração com que em geral cultivamos a nossa fé nos nossos deuses.

Para elle só o que tivesse poesia tinha valor. Não versejava. Cantava. E o seu cantico era todo de rimas sonóras e bellas, sendo as suas dores mais constantes que as suas alegrias.

Dessa mésela de risos e lagrimas muita coisa linda elle deixou, especialmente, nas mesas de marmore dos cafés por onde então andavamos...

* * *

Com um temperamento como o seu, tyrannizado pelo proprio soffrimento, tudo em seus versos tinha que ser, e era naturalmente doloroso!

Só quem entendia o poeta podia comprehender a tristeza do homem. E só com a convivencia diaria desse homem podiamos admittir tanta belleza num poeta.

Em seus versos existem impressões conservadas e adoradas em seu lar, lar piedoso, lar affectuoso, lar amigo, onde um grande cora-

ção de mãe procurava acalentar as agruras da vida daquelle filho, dando-lhe esse bálsamo bemdicto que só os corações maternos conhecem.

Ernesto Barrato, muito cedo, molhou os labios no calice do absyntho perigoso que Schopenhauer deixou sobre a terra. Fez-se "scéptico" muito antes dos 30 annos.

Transcrevo um unico soneto seu, aquelle que mais aprecio, porque é a revelação do sentir do Artista, e, especialmente da tortura do poeta.

Sei que seu livro *Castellos no Ar* é, sem duvida, imperfeito. O poeta não teve tempo de revêl-o, e assim, não podemos julgál-o com os olhos do critico.

A vida desse moço foi um desterro de tudo quanto é bom.

Um canario morto... que já não canta, uma pobre e grande alma desconhecida.

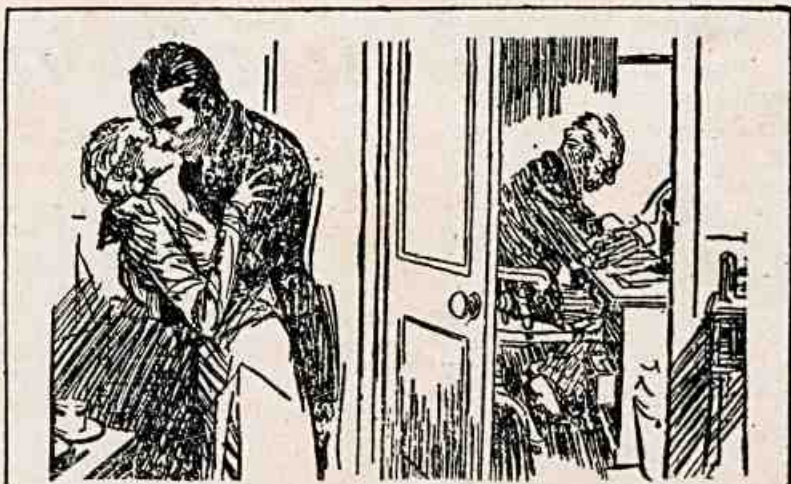
A UMA MULHER...

Quér me accimes de ingrato, ou
[me apódes de iniquo
A' altura do teu ser, o meu ser eu
[não alço,
Pois debalde tentei um lavor im-
[proficuo,
De polir, verso a verso, um poema
[em que te exalço.

O motivo? O porque? Mas é facil.
[explico-o:
a verdade era esquiva, eu segui-
[lhe no encalço,
E si mais perscutára teu espirito
[perspicuo,
Tanto mais comprehendêra o que
[tu tens de falso.

Em vão te orgulharás, pobre espi-
[rito futil,
dessa belleza audaz, dessa belleza
[inutil,
que em breve perderás, como os
[roseiraes em flôr;

Renuncio a sorrir, calmo, altivo
[e sereno,
A esse teu coração, fragilimo e
[pequeno,
Que é pequeno demais para o meu
[grande amor!

PLINIO MENDES

O patrão (chamando o empregado). — Si o que está fazendo não é muito urgente, faça o favor de chegar até aqui, senhor Carlos.

A CARTA MAIS ANTIGA DO MUNDO — Na expedição da Associação de Antiquarios britannicos, que se celebrou em Londres, o anno passado, figurou uma carta, que se crê ser a mais antiga do mundo.

Esse precioso documento epistolar foi escripto no anno 500, antes de Jesus Christo e nella se trata da venda ou aluguel de um campo. Está escripta em caracteres cuneiformes sobre barro cosido e foi encontrada nas excavações da cidade de Ur, na Chaldéa.

O autor desta carta viveu durante a dymnastia de Larza, primeira dos reis babylonicos.

Nesta exposição figuraram outros rarissimos e interessantes exemplares de objectos antiquissimos, como moveis.

porcelanas, bronzes, marfins etc. — tudo de enorme valor archeologico.

•

A NOVA DANÇA DO DIABO — Regressaram a Londres, ainda ha pouco, os professores de dança que haviam partido, em viagem de estudo, para a provincia de Gujerath, a oeste das Indias.

Dessa excursão trouxeram os mais interessantes informes sobre a dança do diabo, que data de varios seculos, chamada Sorath e Surashtra. Em Kathiawar era a unica dança permittida.

Os referidos professores encontraram uma certa difficuldade para orchestrál-a, musicando-a para os instrumentos actuaes bem differentes dos que se empregam na India que são muito difficeis de tocar.

A dança do diabo é uma combinação da valsa e do "bines".

POEMA DO MEU ESQUECIMENTO

Eu não me lembro mais como foi que te vi,
como foi que te amei...
E o sabor de outros beijos esqueci,
depois que te beijei!

Eu me esqueci do teu passado que é bem triste,
que para mim passou, não mais existe,
Nem creio mais que alguem, antes de mim,
sentisse o trescalar de teus perfumes
e possuisse, emfim,
de tua voz essas caricias e queixumes!

Eu me esqueço do mal que me fizeste
com teu amôr que é para mim como uma doença
e um pessimismo negro de descrença
ante as promessas que fizeste e que esqueceste!

Eu me esqueço de tudo! Eu esqueço os momentos
de tortura e de dôr,
de pesadelos e de desalentos,
da nossa historia, que é um romance de amargôr...

Eu me esqueço de tudo! Que memoria!
Dos versos que te fiz, dos segredos ao luar!
Eu me esqueço de toda a nossa historia,
mas não me esqueço, nunca, de te amar!

OSWALDO GOUVÊA

Seara alheia

A cura do pessimismo

A piedade que permanece inactiva é uma piedade estéril. Não serve, absolutamente, para em nada confortar os seres infelizes. Se a vossa compaixão se limita a uma simples phrase, guardai a vossa phrase piedosa, que nada adeanta. Agora, se sentis uma verdadeira compaixão pelos que vivem cheios de soffrimento, tratae de fazer menos dura e menos dolorosa a sua vida, dando-lhes tudo que humanamente lhes possais dar, mas sem lamentações porque ao que dá, queixando-se, se deve restituir a sua dadiva.

Quando tiverdes orientado a vossa vida dentro de uma nobre regra de conducta, sentindo em vosso ser a commovida alegria de fazer o bem, é que estareis curado dessa enfermidade moral, terrivel e contagiosa que anulla os melhores impulsos, porque tudo se vê através do pessimismo. Comprehendereis, então, as coisas mais bondosamente. E, se a inquietude, a indignação ou a dor torturarem o vosso coração, encontrareis a firmeza da vossa vontade para não desfallecer na senha traçada pelo vosso ideal. — Marcel Prevost.

Os exemplos

Seja qual fôr a differença existente entre os bons e os máus exemplos, sempre se verificará que uns e outros produziram, quasi que igualmente, máus effeitos.

Sequer não sei se os crimes de Tiberio e de Nero nos afastam do vicio, como os nobres exemplos dos grandes homens não nos aproximam da virtude.

Quantos fanfarrões fez o valor de Alexandre! A quantos attentados contra a patria não emprestou sua autoridade a gloria de Cesar! Quantas bravas virtudes abalaram Roma e Sparta! Quantos philosophos imbecis e importunos fez Diogenes; quantos charlatães Cicero; Quantos devassos Licullo, etc...

Todos estes grandes originaes, produziram um numero infinito de más, de pessimas copias.

As virtudes são fronteiriças dos vicios, os exemplos são guias que nos extraviam frequentemente e todos nós estamos tão cheios de falsidades que nos servimos delles mais para distanciar-nos do caminho da virtude que para seguil-a. — La Rochefoucauld.

FLOR DE SONHOS

Branca flôr, alva flôr, flor de neve e de arminho,
De pistillos de nervo e de alma velludosa;
Flôr de aroma subtil, de essencia capitosa,
Que tenta como o amor e embriaga como o vinho.

Lucidio Freitas

Na frialdade do gelo, em monte alcantilado,
Nasce a doce edelweis de immaculada alvura;
Tambem no pensamento ás vezes desolado,
Desponta e cresce a flôr de sonho, de ventura...

Nasce e vive a primeira em monte inanimado,
A segunda, porém, mais perfeita, mais pura
Vive da branda luz de um doce olhar amado
Da saudade do amor que em noss'alma perdura.

Tu, que tens meu carinho e meu affecto ardente,
Como pódes deixar minh'alma desolada
E transformar-te, assim, numa edelweis algente?

E esquecer tão depressa o dia azul, risonho...
Em que foste pr'a mim a luz de uma alvorada,
"Flôr de neve e de arminho", edelweis do meu
[sonho!...

Stella Celeste

Ensemble du soir de Jean Patou. Bijoux de Van Cleef et Arpels (Brillants et brillants baguettes).

(Photo da Casa Jean Patou, especial para FON-FON).

Céo distante, tão distante que parece
lá no fundo do horizonte quasi nada,
quasi um sonho
que a alma nebulosamente principiasse a idealizar.

Tanto tempo vou levando
nesta incerta caminhada
que mais cresce
quanto mais vou caminhando!

Nevoa imperceptivel, de ouro e azul, perdida no ar...
Céo distante com que sonho
desde o alvor das madrugadas, nos jardins tontos de sol,
até junto dos crepusculos que são
vastas cathedraes povoadas pelas espiraes do incenso...
Céo distante que reflectes no escampado do arrebol,
nas soalheiras em colmeia, no remanso de ermas noites,
qualquer cousa que não vejo, que procuro, que imagino
deste sonho vago e immenso...

Vou em busca do teu reino, céo distante.

Vão commigo pela estrada meus irmãos desconhecidos:
peregrinos de outras plagas, reis, mendigos, virgens, poetas,
todos juntos pela força do destino,
— bandos de attitude humilde, levas rispidas e inquietas —
uns semeando o ouro das crenças, outros a espalhar gemidos,
passo a passo caminhando numa procissão solemne,
Vagarosa,
tumultuosa,
para a frente, para a frente, sempre em busca ao céo distante.

E' uma geração que passa... Leva o sonho nas entranhas
como as outras que passaram em millenios.
Sempre adiante!
Sempre o anseio de amplitudes e infinitos!
Este mesmo impulso eterno libertado pelos gritos
de expatriados que se voltam para os cumes das montanhas,
para o azul do céo distante!

Ha momentos rompedores, nitidos, de auras tão calidas
e de luz tão scintillante que as aspirações se offuscam.
Momentos em que os viandantes, numa arremettida brusca
de vagalhões em clamor,
levam no alto as mãos esqualidas
na certeza de que accenderão estrellas!

Mas em breve, num silencio aterrador,
braços fatigados descem apontando para o solo.

Nada foi mais do que ephemeras scentelhas
desta luz que move os mundos, polo a polo...

....

Céo distante, si algum dia,
transmudando-se o velario, tu surgisses de repente,
com que funda nostalgia
lembrariamos os tempos em que á mesma flamma ardente
do desejo, te buscavamos ao longo das estradas
marginadas
de tremendos precipicios — quantos dentre nós chorando,
resequidos, miserandos!...
Talvez que estes continuassem a buscar-te mais adiante,
céo distante... céo distante...

Realizou-se no Automovel Club do Brasil a annunciada festa de Reis que a directoria da aristocrática associação offereceu á nossa «élite», na noite de 5 do corrente. Durante a reunião dançante, organizada sob os auspicios dos drs. Carlos Guinle, Nelson Pinto e Anysio de Sá, respectivamente, presidente, secretario e director social do Automovel Club, foi distribuido o «bôlo de Reis», que constituiu a nota original da festa, pois serviu de pretexto para o sorteio de duas valiosas joias, destinadas a uma dama e a um cavalheiro presentes. Offerecemos, nesta pagina, tres detalhes photographicos da animada festa do Automovel Club do Brasil.

"MEU AMIGO. — Leio uma vez mais o trecho final da tua carta:

"Sentirei saber que vives ainda com a tua grande tristeza, na solidão do isolamento de que te cercas, meu caro sentimental. E' pena que as irradiações da felicidade humana não chegue até o teu retiro..."

Leio o que escreves e sorrio, porque estás enganado. Eu, agora, sou feliz a meu modo. Si não sou alegre, — continúo a julgar a alegria permanente uma coisa banal, sem colorido — tambem não tenho mais a tristeza descrente dos que nada mais esperam e renunciam á illusão. Tenho uma felicidade que é minha, que ninguem conhece e como igual ninguem jámais teve.

Milagre sentimental

De RAUL LELIS

Admiras-te? Eu te explicarei o milagre, esse milagre que foi feito por uma mulher.

Ha seis mezes — duas semanas após tua partida, em um domingo cheio de nostalgia — conheci uma menina. E' assim — menina — que eu devo chamal-a, porque é assim que eu a vejo, a despeito da idade que tem: o seu espirito parece que se deteve na pagina risonha dos dezeseis annos cheios de romantismo e de illusões. Essa criança tem um temperamento que foge ao commum das naturezas femininas da nossa época. Eu a odiava dois dias depois de conhecel-a. Odiava o seu orgulho, a sua arrogancia, o desdém compassivo com que fala a todos os homens e com que falou a mim tambem. Quiz-lhe mal desde o primeiro momento, porque ella é uma ferasinha indomavel a quem os galanteios ferem e em cuja alma provocam revolta violenta as lisonjas que se usam na sociedade, que dizemos a todas as mulheres e que põem nos labios de qualquer mulher um sorriso de satisfação.

Mas, querendo-lhe mal muito embora, não me afastei della. Por que? Não sei. Talvez dominado por essa influencia estranha que nos obriga a contemplar o perigo que tememos; talvez arrastado pelo desejo de ver até onde iriam, naquella alma, os impulsos de violencia e de revolta contra tudo isso que é celebradamente elegante, contra tudo o que se faz e se diz deante de uma mulher bonita. E eu sentia nos seus olhos — uns olhos grandes, pardos, que falam muito —, nas suas attitudes, que aquella menina experimentava uma surda aversão pela analyse paciente e fria a que meu espirito a sujeitava sempre.

E vivemos assim quasi seis mezes. Eramos dois inimigos que se estudavam, que estavam sempre na defensiva. Sem que nos falassemos sinão a proposito de banalidades que em nada traduziam as nossas impressões interiores, cada um de nós sabia com certeza o que andava na alma do outro.

Podes explicar isso, tu que és psychologo? Eu não explico, meu caro, como tambem não posso explicar o que aconteceu depois.

Foi ha pouco mais de uma semana. Um grupo de amigos promoveu uma excursão á chacara do Braga. Lembras-te da chacara do Braga? Um pedaço de paraiso simples, onde ha felicidade até mesmo na choupana humilde de chão de barro. Os rapazes tinham levado uma victrola e os pares dançavam lá fóra, em baixo das laranjeiras, em uma alegria tumultuosa.

E quando eu, fugindo á alegria dos outros, procurando um pouco de solidão, entrei na sala de jantar da choupana, vi a rainha-menina — é assim que eu lhe chamo, quando della falo commigo mesmo — sentada a um canto, junto á mesa tosca, dominada por um daquelles assomos de tristeza aggressiva em que se retrae muitas vezes. Olhou-me, como si estivesse admirada de ver que alguem se atrevia a perturbar-lhe o recolhimento, apoiou a cabeça no braço e percebi que soluçava. Interessante: eu sempre pensei que aquella menina devia chorar muitas vezes, quando estava só, pois sempre me pareceu que o seu retraimento selvagem, longe de ser a consequencia de um orgulho tolo, devia ser o resultado de uma tristeza que ella tentava perder no convivio dos demais.

Vendo-a soluçar, eu me approximei, levado mais por um instincto de cavalheirismo:

— Que tem a senhora?

A sua voz, aspera, chegou-me aos ouvidos, entre dois soluços:

— Não tenho nada! Faça-me o favor de ir-se embora...

Que foi que eu senti então? Que foi que aconteceu? Não sei, por muito que o queira recordar! Sei apenas que me sentei ao lado della e que lhe disse ao ouvido uma porção de coisas, em tumulto. Tão proximo eu estava, que me sentia embriagado pelo perfume dos seus cabellos muito negros... Devia haver na minha voz e nas minhas palavras muito sentimento, todo o sentimento que andava em minha alma naquelle instante, suffocando, dominando, distillando a aversão que eu julgava sentir por aquella mulher. E lembra-me que eu lhe disse, emocionado:

— Si a senhora fosse uma menina, uma criança, eu havia de passar-lhe a mão pelos cabellos, para acalmál-a.

Eu não fiz o gesto; meus dedos não lhe tocaram a cabeça, mas meu espirito deve ter feito o que a carne não fez, pois, sinto ainda hoje, como senti claramente naquelle momento, a impressão de ter acariciado os cabellos negros e sedosos da mulher que chorava! Que coisa estranha, meu amigo!...

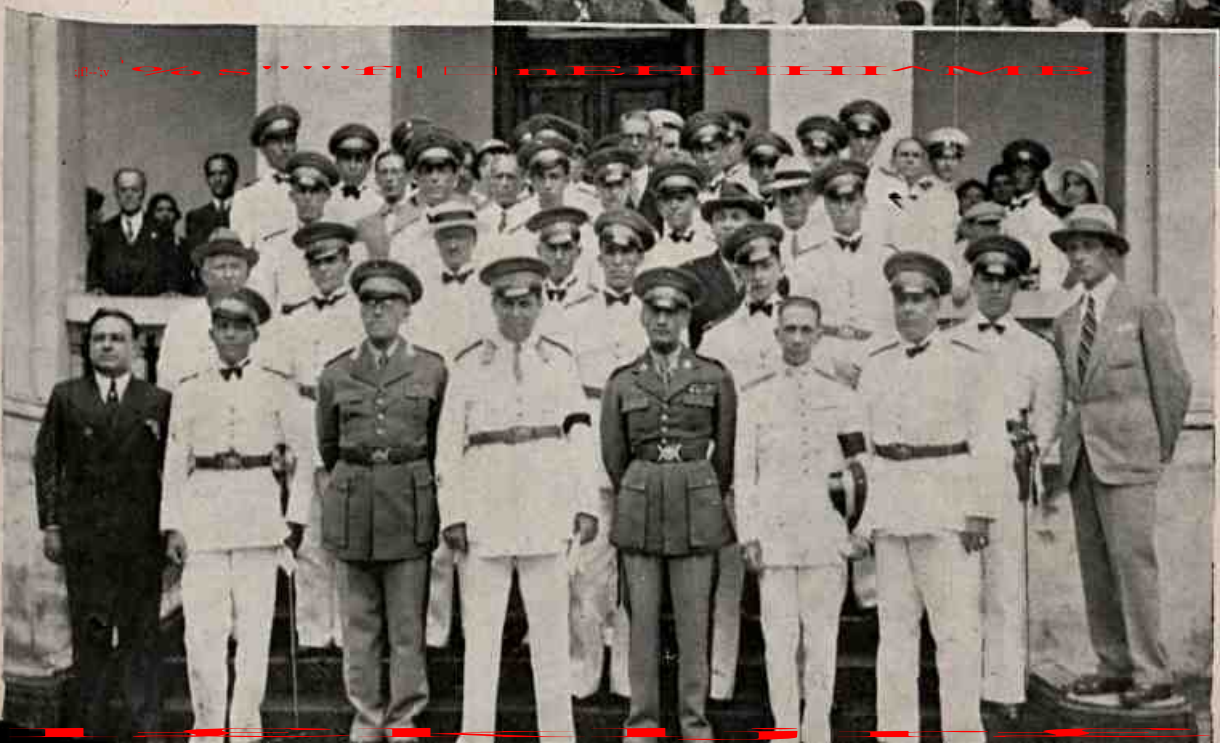
Foi então que se operou o milagre. Ella ergueu a cabeça e fitou em mim as suas pupillas pardas, que não eram mais aggressivas, que tinham uma doçura immensa por entre a moldura das lagrimas.

— Venha dançar commigo — pedi-lhe.

Com um aceno de cabeça disse-me que sim. Corri a buscar agua fria, fiz-lhe lavar os olhos, que o pranto magoára e

(Conclue na pag. 33)

Constituiu uma nota social de expressiva repercussão em nossos circulos mundanos o enlace matrimonial da gentil senhorita Rosa Rodrigues de Almeida, distincto elemento da «élite» carioca, com o dr. Manuel Gonçalves, jornalista, advogado, redactor-secretario de «O Globo» e figura de relevo na sua classe.

Na igreja de Santo Ignacio, em Botafogo, realizou-se, domingo pela manhã, a cerimonia da benção das espadas dos aspirantes a official do Exercito, da turma que concluiu o curso da Escola Militar do Realengo em 1932. Compareceram á solennidade, que está focalizada nos aspectos desta gravura, altas patentes militares, cadetes da Escola Militar e varias familias da nossa sociedade e outras pessôas gradas.

Foi uma tarde verdadeiramente encantadora, o chá dançante que se realizou sabbado ultimo, nos salões do Botafogo Foot-ball Club, em beneficio da Policlinica de Botafogo, instituição essa que goza de geraes sympathias, pelos seus altos e nobres fins caritativos. O festival constou de um programma variadissimo, de declamação e de danças, tomando parte no mesmo as figuras mais destacadas do «set» carioca e dos nossos meios literarios. A Policlinica de Botafogo, que tem como seu presidente o illustre medico dr. Luiz Barbosa, assignalou, com a festa de sabbado ultimo, um triumpho verdadeiramente brilhante.

A Assistencia Dentaria Infantil «Zeferino de Oliveira» recebeu, sexta-feira pela manhã, a visita dos drs. José do Nascimento Brito e João Pacheco Moreira, membros proeminentes do Rotary Club, os quaes foram ali recebidos pelas senhoras Gondolo Labouriau e Alfredo de Paula, directoras da Commissão de «Damas de Bondade» da benemerita instituição que deve sua existencia ao illustre professor Frederico Eyer. O «clichê» ao lado focaliza um aspecto dessa visita, vendo-se, ahi, além das pessôas já citadas, o dr. Theophilo Kamel, figura destacada da classe odontologica.

RAUL ROULIEN

Raul Roulien, o joven brasileiro que daqui partiu como simples actor de theatro, regressou á sua patria como «astro» de cinema, quer dizer, artista feito, portador de um grande nome, consagrado em Hollywood. A sua victoria não foi nada facil. Ella representa, por isso mesmo, dois triumphos: o seu, e o do Brasil, pois Roulien é o primeiro artista sul-americano que alcança, nos studios cinematographicos da America do Norte, essa conquista retumbante. A cidade soube recompensar o triumphador, recebendo-o com os applausos e o enthusiasmo a que elle, pelo seu esforço, seu talento e a sua tenacidade, fazia jús. Fixa a nossa gravura alguns flagrantes da chegada, quarta-feira penultima, a esta capital, do querido artista brasileiro.

TELEPAÇÕES

O galante Paulo, filhinho do distincto casal sr. Heitor Motta - d. Chiquitinha Motta, apparece, no instantaneo, radiosamente alegre. Tambem o photographo que está á sua frente não é outro sinão o «papázinho» do collação», que bem merece um sorriso assim...

DOMINGO, dia cinzento, de fortes aguaceiros. No interior do trem, rolando para a cidade serrana, um casal feliz, que parecia experimentar a sensação de estar subindo para o céo, chamou a nossa attenção. Mas elle não era o marido da formosa dama, nem, certamente, no momento se lembrava da esposa que ficára em casa, lá no bairro *chic*, beijado pelo oceano. Pois a vida tem o seu lado côr de rosa, como dizem os poetas...

Mesmo num dia nevoento, o casal feliz via tudo por prisma opposto, sentindo o effeito da fuga estudada com habilidade. Não era possivel ouvir o que diziam, porque a palestra seguia o seu curso em voz baixa, cautelosa, como convinha para despistar os curiosos. Mas, ella falava sem cessar e elle ouvia com um sorriso claro de quem approvava tudo.

Pudéra!... *Madame* devia ter desenvolvido um plano estrategico, com grande tactica, para passar o domingo fóra de casa. Por isso, aquelle passeio tinha o sabor de uma fructa gostosa, e mysteriosa...

Depois, quando o comboio attingiu a linda cidade de verão, o casal realizou uma habil manobra para não ser pilhado em flagrante delicto. Elle saltou pela esquerda, ella á direita. Entretanto, foram se encontrar mais adeante, onde tomaram um automovel fechado.

Um brinquedinho innocente e muito divertido, que nós testemunhámos sem o querer, e que promettemos não contar a ninguem, em todos os seus detalhes...

Mas que piratas!

A vida do joven casal elegante se transformou, para sempre.

Madame, desde que notou o grande interesse de sua amiga pelo marido, não teve mais um minuto de socego. Quando o marido vae ao telephone, ella fica pelas proximidades, cavando tudo para inteirar-se da conversa. Quando elle sáe para o trabalho, é chamado em horas differentes ao apparelho, para ser constatada a sua presença no escriptorio. Um verdadeiro inferno vivo!

Mas, o rapaz não toma juizo, abusa e sempre arranja um geitinho para dois dedos de prosa amavel com a amiga da esposa. O outro dia, não se sabe como, *madame* surprehendeu uma palestra encantadora dos dois numa casa de chá. Estavam alli por acaso, e *madame* tambem *por acaso* chegou... Explicações, no momento, não houve, porque o joven é um artista cynico, como existem poucos na téla cinematographica. Recebeu a esposa com o melhor dos sorrisos e esta fez sentir a necessidade do immediato regresso á casa. A amiga de *madame* tambem não se deu por achada e *bancou* a innocente com admiravel sangue frio. Em casa do joven casal não sabemos o que se passou; palpita-nos, no emtanto, que houve o diabo...

Um marinheiro de agua doce... Chama-se Josias e é filho do sr. Samuel Cordeiro e de d. Maria Alice Moraes Cordeiro, residentes em Parnahyba, Estado do Piauhy.

Um expressivo instantaneo do interessante Ernani, filhinho do casal Araujo Góes. O garoto, que «é de circo», mal se levantou, foi correndo buscar o litro de leite que todas as manhãs encontra «abandonado» á porta de sua casa...

E si o rapaz não tomar juizo, si não recuar..., era uma vez a historia de um casal feliz...

O elegante rapaz, proprietario de uma baratinha tambem elegante, nestas ultimas noites tem realizado verdadeiros *raids* de velocidade, lá para as bandas da Tijuca. O que mais admiramos, não é a bravura do principe do volante, porque a sua companheira de passeio desperta maior interesse, é mais destemida, mais valente. Tudo corre bem, ao que parece, porque a baratinha, nas suas corridas loucas, ainda não derrapou e não houve victimas...

Mas, com o continuar da coisa, podem surgir surpresas de consequencias irremediaveis para ambos. *Madame*, certamente, não se póde affastar de casa, á noite, si não com tempo limitado, e d'ahi obrigar a baratinha aos *raids* de velocidade.

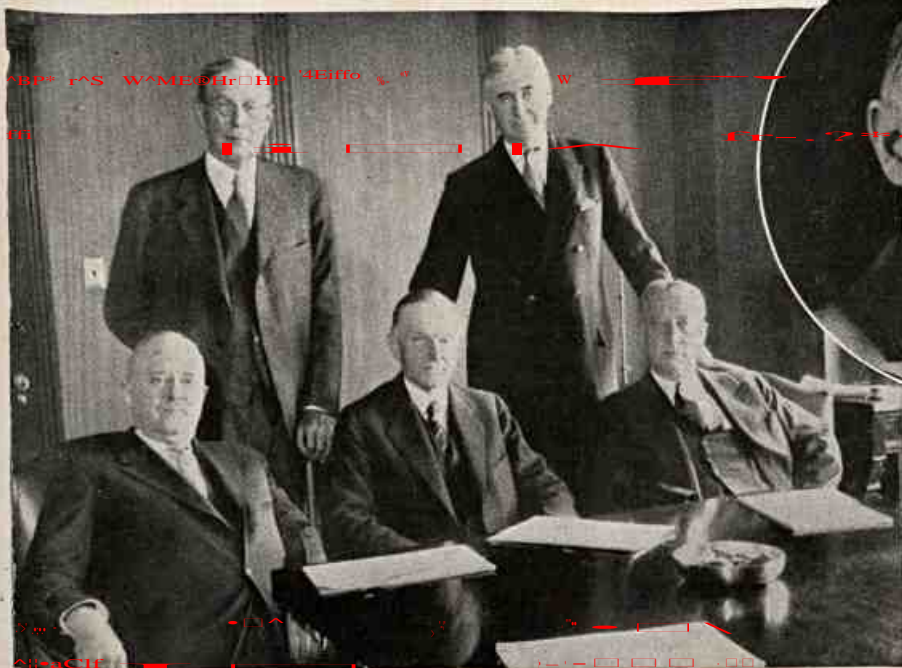
O mais extraordinario é que o *chauffeur* amador tambem não é inteiramente livre, mas vae conseguindo umas fugas nocturnas com intelligencia...

Seja como fôr, o caso requer muita prudencia.

Não é bom confiar demasiadamente nas azas da baratinha...

Marcha lenta e passeios mais para o perimetro central da cidade.

O contrario, é desastre na certa.

O ex-presidente Calvin Coolidge numa photographia em que apparece acompanhado dos srs. Alfred E. Smith, ex-governador do Estado de Nova-York; Clark Howell, Alexander Legge e Bernard M. Baruck, e num dos seus ultimos retratos.

CALVIN COOLIDGE

COM o recente fallecimento de Calvin Coolidge, a grande nação norte-americana acaba de perder um dos vultos mais representativos da sua vida publica. O illustre successor de Warren Harding e antecessor de Herbert Hoover na presidencia da Republica dos Estados Unidos da America do Norte foi, de facto, pela intransigencia de suas attitudes, pela firmeza de seus actos, sempre inspirados nos principios da mais escrupulosa moralidade administrativa, uma figura de expressivo relevo. O notavel estadista falleceu aos 61 annos de idade, e, em sua grande patria, como nos paizes mais estreitamente ligados á nação americana, a noticia do seu passamento foi recebida com geral consternação.

O NOVO INTERVENTOR DE ALAGOAS

O Governo provisorio da Republica vem de dictinguir o capitão Affonso de Carvalho, nosso brilhante confrade da imprensa carioca e festejado homem de letras, com a nomeação de interventor federal no Estado de Alagôas. A escolha de Affonso de Carvalho para esse alto posto de governo foi felicissima. O novo interventor é um nome de grande relêvo intellectual, um moço idealista e trabalhador, identificado com os problemas da realidade brasileira, da qual tem sido um commentador subtil e um articulista atilado. Sua gestão governamental confirmará, certamente, as esperanças, que nelle depositam quantos o conhecem e admiram. O nosso «cliché» fixa um aspecto do embarque de Affonso de Carvalho, que seguiu para Alagôas a bordo do «Aratimbó», na penultima sexta-feira, vendo-se no medalhão uma photographia do illustre escriptor e jornalista.

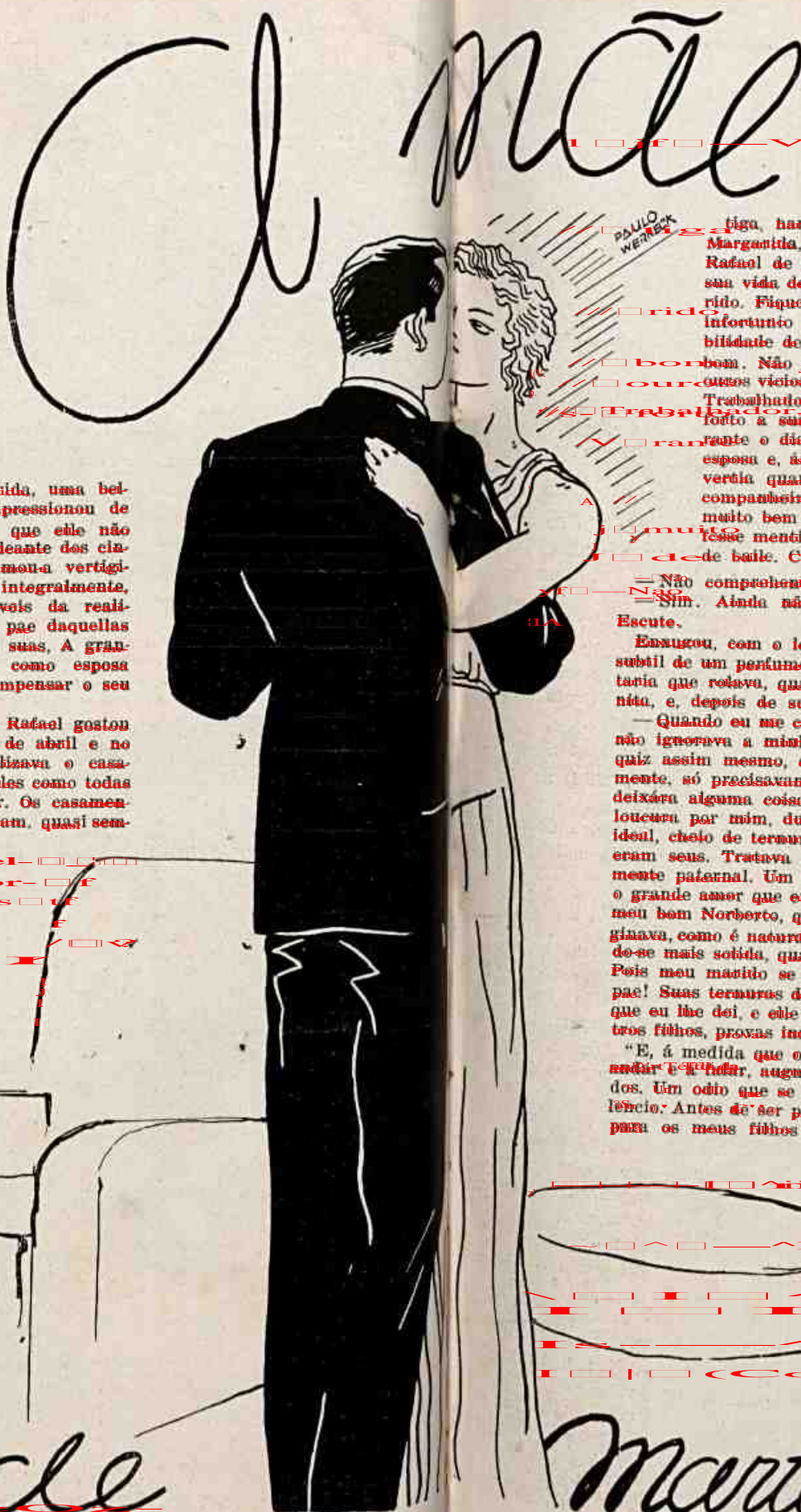
A mãe

conto de Martins Capistrano

MARGARIDA VIEIRA casou-se em segundas núpcias com o advogado Rafael de Lemos, que a conheceu numa tarde languida de inverno e logo se apaixonou pela viuva formosa e moça. Que lindos olhos melancolicos illuminavam o rosto moreno-claro de Margarida! E seu corpo de Venus tropical, mesmo vestido de luto, accendia desejos e provocava inquietações sentimentaes nos temperamentos mais frios, como o de Rafael de Lemos. O causidico não resistiu áquella fascinação envolvente e áquelles encantos serenos, e ficou noivo, em tres dias, da jovem viuva. Paixão fulminante, que Rafael não poude conter. Paixão de homem de trinta e tres annos viajado, methodico, impetuoso e cansado, já, das multiplas seducções da vida.

A belleza de Margarida, uma belleza doce e triste, impressionou de tal modo o advogado, que elle não se deteve nem mesmo deante dos cinco filhos da viuva. Amou-a vertiginosamente e acceitou, integralmente, as condições irrevogaveis da realidade. Seria o segundo pae daquellas crianças que não eram suas. A grande felicidade de ter como esposa Margarida havia de compensar o seu sacrificio.

O noivado foi curto. Rafael gostou de Margarida no mez de abril e no mez de junho se realizava o casamento. Cerimonia simples como todas as cerimonias do amor. Os casamentos sumptuosos mascaram, quasi sempre, a hypocrisia do sentimento. Tudo nelles, é fingido: o sorriso dos noivos, os votos dos convidados, a satisfação da familia...

Margarida, que chegára do norte havia apenas tres mezes, tambem gostou de Rafael, cuja sympathia a enterneceu e conquistou. E assim se formou um novo lar.

* * *

— Você não póde avaliar como eu sou infeliz, meu caro amigo, com toda a ventura do meu destino!

Emquanto dançavamos uma valsa antiga, harmoniosa e embaladora, no salão do club, Margarida, a quem eu conheci antes de ser madame Rafael de Lemos, começou a contar-me as penas da sua vida depois que se casára com o seu segundo marido. Fiquei um pouco surprêso da revelação de um infortunio que só poderia justificar-se na incompatibilidade de genios. Rafael de Lemos era um homem bom. Não jogava. Não bebia. Não fumava. Si tinha outros vicios, estes eram ignorados pelas suas relações. Trabalhador, honesto, quasi rico, dava regular conforto á sua familia. Só estava ausente de casa durante o dia. A' noite, si sahia, era acompanhado da esposa e, ás vezes, dos filhos desta. Passeava e se divertia quando tinha tempo. Mas sempre levando a companheira. Eu sabia disso. Entretanto, conhecendo muito bem Margarida, não tinha o direito de suppôr fosse mentira o que ella me affirmava, naquella noite de baile. Comtudo, estranhei:

— Não comprehendo, Margarida...

— Sim. Ainda não comprehende. Mas vae comprehender. Escute.

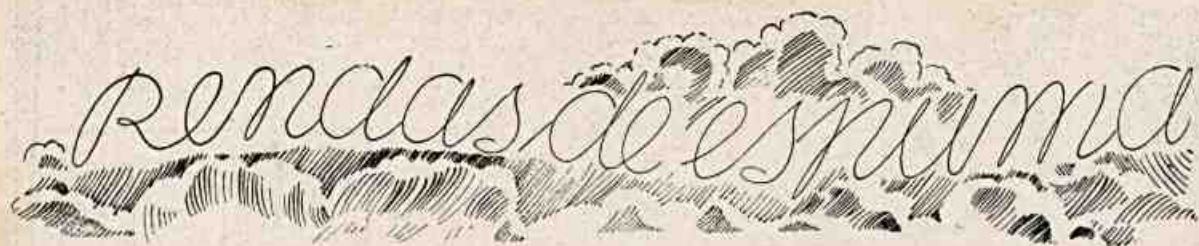
Enxugou, com o lencinho côr de rosa, onde havia a marca subtil de um perfume de Worth, uma lagrima silenciosa e solitaria que rolava, quasi invisivel, pela sua face de mulher bonita, e, depois de suspirar amargamente, proseguiu:

— Quando eu me casei com o Rafael, você bem sabe que elle não ignorava a minha situação de mãe de cinco filhos e me quiz assim mesmo, disposto a tutelar os meninos, que, felizmente, só precisavam de assistencia moral, porque o pae lhes deixára alguma coisa. Meu segundo marido, que sempre teve loucura por mim, durante quatorze mezes, foi o companheiro ideal, cheio de ternura para a esposa e para os filhos que não eram seus. Tratava os meninos com um carinho verdadeiramente paternal. Um carinho que me commovia, augmentando o grande amor que eu já lhe consagrava. Cheguei a esquecer o meu bom Norberto, que você conheceu. Sentia-me feliz. E imaginava, como é natural, que essa felicidade se ampliasse, tornando-se mais solida, quando nascesse o primeiro filho de Rafael. Pois meu marido se modificou inteiramente depois que ficou pae! Suas ternuras de homem concentraram-se, então, no filho que eu lhe dei, e elle passou a tratar asperamente os meus outros filhos, provas innocentes do primeiro amor da minha vida.

"E, á medida que o Armandinho cresce, e vae aprendendo a andar e a falar, augmenta o odio de Rafael contra seus enteados. Um odio que se manifesta pelo indifferentismo e pelo silencio. Antes de ser pae, Rafael era um. Agora é outro. Mas só para os meus filhos do primeiro matrimonio. Porque, para mim, elle continúa a ser o mesmo homem doce e amoroso que me conquistou uma tarde de inverno. Não tenho queixas delle nesse sentido."

— Então?... — avancei, conciliador.

— Mas isso não é bastante. Antes de ser esposa, eu sou mãe. Quero bem a meu marido.

(Conclue na pag. 33)

RETROSPECTO

ANNO de 1933.

Eis-me aqui, "nel mezzo del camin de nostra vita", mais para o lado de lá — o lado onde fica a grande terra do Não Sêr — do que para cá — o lado onde a vida começa.

Que foi, até aqui, a minha aspera jornada?

Pitigrilli (perdôem citar esse nome, que se banalizou na bocca da mediocridade, que lê, através de traducções infamerrimas) Pitigrilli diz que só a vida dos imbecis e dos nati-mortos é uma linha recta, que vae directamente do berço á sepultura.

A vida de todas as outras creaturas é uma linha curva, ou cheia de curvas — agudas ou suaves.

Confesso que a da minha vida é uma linha quebrada.

E' uma linha de angulos fortes e zig-zags violentos. A's vezes, esses angulos dão a idéa exacta da ponta de um punhal; outras, lembram o desenho luminoso que o raio risca no fundo escuro das tempestades, e das noites de invernias horrendas.

Assim, a jornada que venho fazendo, do berço á sepultura, é, até agora, uma viagem incerta, tortuosa, estupida, rude e paradoxal.

Paradoxal!

Digo bem, ao empregar esse termo.

A minha vida é um paradoxo vivo, que realizo, sem a consciencia de o fazer.

Exemplo... Mas, esperemos. Antes de apresentar o exemplo, convem citar o nome de Oscar Wilde. Não se pode falar em Portugal sem se alludir aos fados, ás tricanas, a Vasco da Gama e a Camões. Quem fala de Roma, não deve esquecer a figura insigne do papa. Aquelle que se refére ao Polo Norte está na obrigação de recordar os pinguins, os esquimaus e os ursos brancos.

Assim, quem fala em paradoxo, implicitamente lembra o nome do estheta do "Retrato de Dorian Gray"...

Não é verdade?

Pois bem. Wilde nota, a proposito da vida, que o nosso primeiro dever é ser o mais artificial que se possa.

De accordo.

A minha vida é, por isso, um paradoxo enfadonho. Porque, afinal, não tenho sido outra coisa sinão superficial.

E, ainda agora, ao atravessar o portico deste Anno Santo, anno de 1933, eu o faço sorrindo, contente, quasi feliz, — e justamente porque minha pobre alma está chorando.

Chorando? — perguntarão. A lagrima não é uma coisa superficial. Sim, respondo eu, cada vez mais sorridente: chóro uma coisa banal, banalissima, vulgar, hilariante: o amor de uma mulher...

A sra. d. Iza Queiroz Santos é uma das nossas mais festejadas cultoras da arte musical. Pianista eximia, o numero, cada vez mais dilatado, de suas discipulas, e o exito das suas magistraes lições attestam os altos méritos e a capacidade technica dessa illustre dama, das mais estimadas da nossa sociedade. O recital de piano que d. Iza de Queiroz Santos proporcionou, na penultima semana de dezembro, aos amadores da bôa musica foi mais um notavel triumpho artistico para o seu nome de consagrada mestra da arte de Beethoven.

* * *

YVES

Inaugurou-se sabbado ultimo, com uma brilhante festa mundana, o Club de Santa Theresa, que a mocidade elegante daquelle bairro carioca acaba de fundar para recreio das suas horas de ócio. São dois aspectos da festa inaugural do Club de Santa Theresa o que apresenta o nosso «cliché», vendo-se, ahi, ao lado de elementos de destaque na sociedade local, a primeira directoria do club e os jornalistas que compareceram á linda reunião.

MILAGRE SENTIMENTAL
(Conclusão)

minutos depois, tinha entre os meus braços uma creatura bôa, que me sorria docemente.

Que aconteceu? Continúo a não saber. Sei que somos os melhores amigos deste mundo. Tenho a impressão de conhecêl-a ha muitos annos, tanta é a confiança que ella me inspira, tanta é a felicidade serena que me dá. Falo-lhe das minhas tristezas, dos meus sonhos, e já lhe falei de todas as desillusões do meu passado. Já ficámos metade de uma noite sentados frente a frente, traduzindo impressões de alma que nunca pensei pudessem ser traduzidas por palavras. E sou feliz, meu caro, feliz a meu modo, na certeza de que a minha solidão é agora menos intensa. Serás capaz de definir o que se passa commigo? Tenta, si queres, tu que és psychologo e que tens facilidade para pensar, ahi no retiro campestre em que vives agora. Eu não tentarei jamais. Sou muito feliz para me arriscar a destruir a minha ventura com definições absurdas.

Muito teu.

P. S. — Não me fales em amor. O amor provoca ansia, desejo, intranquillidade, e eu não experimento nenhuma dessas torturas. Além disso, o amor está ao alcance de todos, e eu tenho certeza de que ventura igual á minha ninguem experimentou ainda, nem experimentará jamais."

Alcindo, Helio, Sergio e Haroldo, filhinhos do casal Tancredo Guanabara e netos do jornalista Alcindo Guanabara.

A MÃE
(Conclusão)

Adoro, porém, a meus filhos. A meus cinco filhos com os quaes me entreguei a Rafael!...

— Só a elles?!...

— Talvez... Não sei... Que horror, meu Deus! Que horror! A transformação de meu marido terá alterado a minha razão?... A's vezes, me assalta um pensamento hediondo, que eu não devia confessar: o desejo de perder o meu ultimo filhinho! Só porque elle monopolizou a ternura paternal de Rafael! Só porque elle veiu extinguir a minha ventura de mãe! Tenho pedido a Deus que mate o meu Armandinho, para que os outros reconquistem o amor de meu marido. Sou a pobre mãe que, para salvar cinco filhos, deseja o sacrificio de um. Desgraçada! Como sou desgraçada! Comprehende agora, meu amigo?...

E Margarida enxugou outra lagrima, emquanto as ultimas notas da valsa sonorizavam o seu desespero de mãe...

O ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, offereceu, no Copacabana Palace Hotel, um banquete em homenagem ás delegações que tomaram parte na assembléa inaugural do Instituto Pan-americano de Geographia e Historia. Além do amphytrião e dos homenageados, participaram desse ágape altas autoridades, representantes de instituições literarias e scientificas e outras pessôas gradas. A photographia de cima focaliza um grupo tomado por occasião do banquete.

A outra photographia é um aspecto da solennidade inaugural da «Exposição dos Seis», que os pintores Candida Gusmão Cerqueira, Braulio Poiava, Bustamante Sá, Edson Motta, J. Magno e J. Rescala organizaram sob o patrocinio do poeta Paschoal Carlos Magno, e que reuniu durante dez dias, no Studio Eros Volusia, á rua São José, os mais interessantes trabalhos desses apreciados artistas já conhecidos do nosso publico.

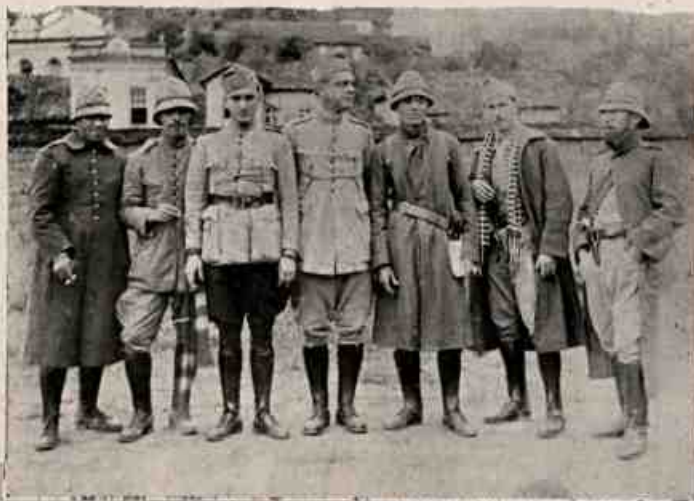
NAS AGUAS DO FLUMINENSE YATCH CLUB

As chuvas de domingo passado impediram a realização da regata de lanchas que o Fluminense Yatch Club organizára para a manhã daquelle dia, e que se transformou, por isso, numa demonstração de apenas duas provas, desenvolvidas com grande brilho por parte dos respectivos concorrentes. Focaliza o «cliché» desta pagina flagrantes das provas em questão, vendo-se, no alto, directores e socios do Fluminense Yatch Club, por occasião das mesmas.

O «Orfeon Carlos Gounod», do Collegio Cearense do Sagrado Coração, dirigido pelo maestro Euclydes Silva Novo, que se vê no medalhão. No grupo do Orfeon apparece, além do maestro Silva Novo, que é professor do Collegio Militar do Ceará e propagandista enthusiasta da musica brasileira naquelle Estado, o director do Collegio Cearense, Irmão Hermann.

Alumnos do Lycée Français, que fizeram a primeira communhão na matriz da Gloria, em companhia dos directores do estabelecimento e do celebrante da cerimonia, conego Clementino Contente.

ECOS DA REVOLUÇÃO PAULISTA

Em cima: officiaes do 2.º Batalhão do 12.º Regimento de Infantaria, em São Bento do Sapucahy, após a occupação daquella cidade paulista pelo referido Batalhão, do commando do capitão Tancredo Faustino. Em baixo: á esquerda, 1.ª Secção da Companhia de Metralhadoras do 2.º Batalhão do 12.º R. I., em posição no sul de Minas, na frente de São Bento de Sapucahy. Era commandante da Secção o tenente Aymar de Lima. A' direita, 2.ª Secção da mesma Companhia, commandada pelo tenente Itajahy, quando occupava aquella posição no sul de Minas.

O pavilhão principal da Primeira Feira de Amostras da Cidade de Campinas, inaugurada em dezembro ultimo, e um aspecto da solennidade inaugural do certamen, vendo-se no grupo o representante do governo do Estado; o dr. Alberto de Cerqueira Lima, prefeito municipal de Campinas; o representante do ministro do Trabalho; o sr. Pedro Paulo Lanza, commissario geral da Feira; o representante do secretario do governador militar do Estado; o vice-consul da Italia; o vice-consul de Portugal; o sub-commandante do 8.º B. C. P. e o vice-consul da Hespanha.

CHRISTO-REI

No apice da escarpa a alva silhueta avulta,
dominando a grandeza insondavel do espaço.
Em baixo, redemoinha e estruge a turba multa
alascada no vicio, exhausta de cansaço.

Sob o céo do Cruzeiro, o seu perdão occulta,
abrindo á Santa Cruz um gigantesco abraço...
E' a seus pés, alheiada, a multidão estulta
se entrechoca, buscando o seu destino escasso.

Na contricção da fé que em seu labio palpita,
desabrocham rosaes, cantam passaros e erra
um sopro espiritual de bondade infinita.

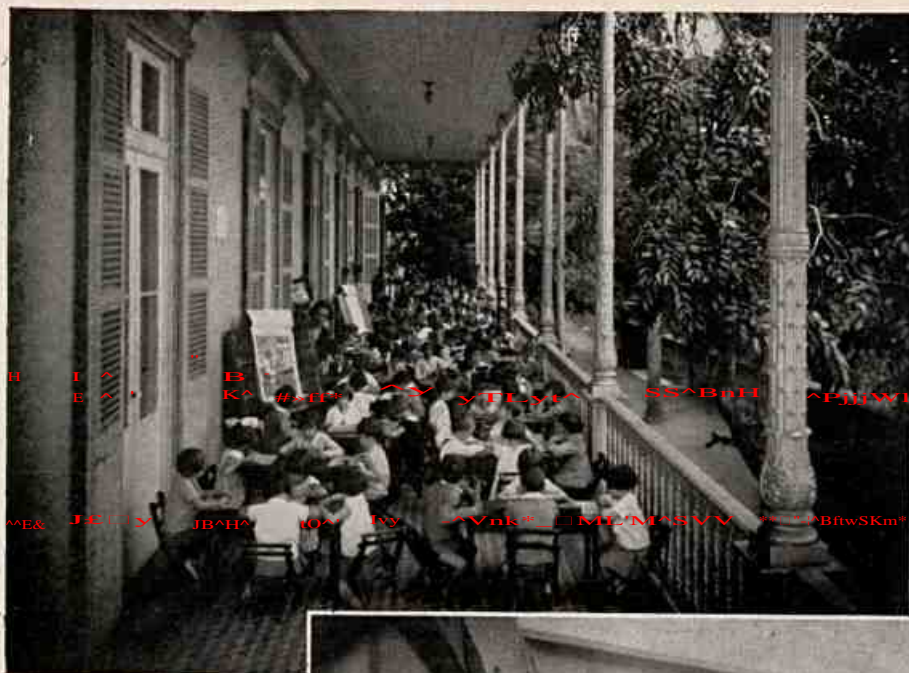
Sobre o rochedo nú que a luz dos astros banha,
o perfil de Jesus se apruma sobre a serra
repetindo ao Brasil o Sermão da Montanha.

JAYME DOS G. WANDERLEY

O dr. Bolivar Machado Barbosa, que acaba de se formar em direito, recebeu, por esse motivo, expressiva e carinhosa manifestação de apreço por parte dos auxiliares dos Laboratorios do Elixir de Inhame, os quaes lhe offereceram o annel de grão como lembrança da formatura do joven industrial, que é um dos pioneiros da nossa industria pharmaceutica. Offerecemos aqui dois flagrantes dessa homenagem.

O dr. Francisco Taquara da Fonseca Telles pertence á turma de 1932, da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, onde fez um curso que lhe deixou assignalados os meritos de espirito e seu devotamento á nobre profissão que abraçou.

ASPECTOS INTERESSANTES DO ENSINO

Depois das horas de jardinagem nos parques arborizados, depois dos recreios nas aléas dos jardins, o estudo nas varandas amplas e frescas é agradavel e convidativo.

No gabinete de Historia e Geographia, ante o planispherio de cimento, em fórma de tanques circulares cheios dagua a contornar continentes e archipelagos em relevo colorido, têm os estudantes elementos para a objectivação maior do bello estudo. Nas estantes, ao longo das paredes, ainda se notam detalhes, paizes e continentes, tambem em relevo colorido.

Nas sciencias physicas e naturaes podem penetrar facilmente as intelligencias jovens, dos que frequentam cursos secundarios, technicos ou normaes, graças aos gabinetes novos cheios de ar e de luz, onde o material didactico é sempre abundante e a bôa vontade dos professores nunca falta.

É o Instituto La-Fayette uma colmeia, onde o trabalho é intenso e a producção intellectual consideravel.

Peçam informes: Internato — Externato — Semi-internato no Departamento Masculino e no Departamento Feminino.

Externato: no Departamento Preliminar e no Departamento Mixto.

FON-FON no cinema

O filhinho valia para ella mais que a corôa.

RAINHA E MARTYR

(A Woman Commands) — Da PARAMOUNT

com Pola Negri, Roland Young, Basil Rathbone e H. B. Warner

PARA que possa manter no luxo e na opulencia a sua apaixonada, Maria Draga, o capitão Alex Pasitsch contrae formidaveis dividas que ameaçam arruinar-lhe a carreira militar. Para salvá-lo da desgraça que elle proprio se preparou, o coronel Stradimirovitsch, commandante do regimento a que o official pertence e seu intimo amigo, convence Maria a cortar as suas relações

Casamento real.

Queria saber a verdade.

com o joven official. Maria, que ama em extremo a Alex, acaba concordando em deixál-o, fazendo parecer que outro amor lhe subjugou o coração. Vende grande parte das joias que Alex lhe offerecêra, com o producto paga as dividas do capitão, e arranca ao coronel a promessa de dizer a Alex que as dividas foram pagas com o producto de uma cotização entre os officiaes do corpo.

Maria volta a ser como outr'ora uma cantora de *cabaret* e nesse caracter obtem o mais ruidoso successo. Certa noite em que ella está cantando, Alexandre, o monarcha, entra no *cabaret*, incognito. Toma-se de sympathia por Maria e pede-lhe que vá a palacio, no que é obedecido.

De novo, nos braços de seu amado.

Tarde da noite, quando o rei ordena seja destacado um official para acompanhar Maria a sua casa, succede que a designação recae sobre Alex. Elle dá á presença de Maria em palacio a interpretação que os factos suggerem, e assume para com a sua apaixonada de outróra um tom insultuoso, que nella provoca uma colera insopitavel.

Prosegue o soberano dispensando as suas attenções a Maria e para se subtrahir não só a estas como á humilhação de novos encontros com o rei, tenta a cantora fugir para Vienna. Fracassa, porém, o seu plano e é levada sob prisão á presença do rei, que, meio intoxicado pela champagne, lhe pede que acceite ser sua esposa.

Comprehendendo que prestigio immenso lhe advirá desse matrimonio, Maria consente.

Para honrar a sua linda consorte, o rei Alexandre manda que se realize um desfile militar em que as tropas serão passadas em revista por suas majestades. Mas, na parada, Alex recusa-se a fazer as continencias do estylo á mulher que outróra amou e é immediatamente detido e condemnado á prisão.

Um anno depois, por occasião do nascimento do seu primeiro filho, Maria intercede junto do monarcha para que seja restituida a liberdade a Alex. Solto, elle logo concebe um plano para derribar a familia reinante e, mais ainda, entra a espalhar sobre o passado da soberana versões desabonadoras, assim logrando accender contra ella o odio da população.

A revolução rebenta no dia em que o herdeiro do throno tem de ser levado á pia baptismal. Os revolucionarios, chefiados

(*Conclúe na pag. 52*)

Um beijo e um thrôno.

O PREÇO DE UM FILHO

(The very idea)

UM FILM DA RADIO

Interpretes:

Nora . . . . Sally Blane
Dorothy Green . . . . Jeanne de Bard
Gilbert Goodhue . . . Allen Kearns
Edith . . . . Doris Eaton

ERA um motivo de sérios desapontamentos para o casal Goodhue a falta de um lindo pimpolho, desses a quem chamam "a alegria da casa". E esse desapontamento juntava-se ao despeito, quando elles viam a felicidade brilhar nos olhos dos Green, que sentiam um rematado orgulho com a pequena Dorothy, sua filha. Para supprir a falta de que tanto se resentiam os infelizes esposos, o irmão de Edith Goodhue, um estudioso dos problemas de eugenia, apresentou-lhes uma suggestão, mediante a liberdade que lhe déssem em escolher dois especimens humanos que produzissem um filho perfeito, que ficaria sendo do casal. Elles acceitaram a interessante proposta, entrando Allan, o eugenista, a cogitar da escolha do casal. Joe Garvin, seu "chauffeur", foi o homem escolhido para pae, e Nora, a interessante creadinha dos Goodhues, seria a mãe verdadeira do garoto, futuro filho supposto do casal descontente. Como bons especimens da raça humana, Allan não podia encontrar outros e como recompensa do "serviço" se lhes offereciam 15.000 dollars, si, dentro de um anno, entregassem um filho aos Goodhues.

Era logico que Joe e Nora deviam casar-se, o que não foi difficil, dado o bom dinheiro que receberam.

O casal Goodhue partiu para a California do Sul e um anno depois regressou a casa, para escolher um quarto na sua residencia, transformada para receber um filho, com uma efficientissima ama. Mas ali não estava a creança. Allan explica que Joe e Nora tinham "arranjado" a creança de accordo com o contracto e que a qual quer momento appareceriam com a cobiçada prenda.

A filhinha desejada.

Os que tomavam o compromisso.

Não queria que lhe levassem a joia.

Chegam os Green, ansiosos por verem o petiz. Seria um menino ou uma menina, perguntavam. Mas ninguem sabia, senão Joe e Nora. Os Goodhues respondem que era uma surpresa que elles deviam esperar num apartamento proximo, emquanto se preparava a apresentação do objecto de seus anseios.

Allan treme de impaciencia. Finalmente, Joe e Nora surgem carregando a moça nos braços um robusto e lindo "gury". O peor é que os verdadeiros paes se recusam a entregar-lhes o garoto. O amôr materno tinha falado mais alto no coração de Nora e ella se promptificava até a devolver o dinheiro do contracto.

De nada adeantaram

Que raiva!

A quantia era tentadora.

os rogos e os protestos de Allan, com os quaes Gilbert e Edith fariam côro. O casal recalcitrava na negativa. Mas o facto é que os Greens estavam esperando na outra sala e uma creança, filha dos Goodhues, tinha que lhes ser apresentada, custasse o que custasse. Joe é mandado, portanto, ao asylo de orphãos, para trazer um garoto para ser apresentado aos Greens.

Communica-se, assim, aos impacientes visitantes que mais um pouquinho de espera e tinham sua curiosidade satisfeita. O que aconteceu, porém, foi a coisa mais inesperada. Joe trouxe um garoto de um metro de altura, o qual, por mais que tivesse o tamanho e a fortaleza justificados graças ao amenissimo e prodigioso clima da California, ninguem tomou a serio. Os Greens consideraram-se burlados e retiraram-se. No auge do desespero, sem se poder justificar, os Goodhues mettem os pés pelas mãos e Allan vae respondendo por tudo, como culpado. Era preciso desfazer o quarto do berço e isto mesmo era o que Gilbert iria fazer immediatamente, quando Edith lhe disse que o não fizesse, pois sentia que em breve seria, desta vez, mãe de verdade. Radiante com aquella revelação, Gilbert terminou por bemdizer o milagroso clima da California do Sul, que lhe proporcionava uma felicidade tão procurada.

Duelo original.

EVANGELHO

De Regina Rizieri

Sê sincero. Tem coragem de confessar teus sentimentos e idéas. Esconder, dissimular, é covardia.

Sê bom. A bondade attráe a bondade. Não firas nenhum outro coração. Todo o bem que puderes fazer, faze-o. Todo o pranto que puderes enxugar, enxuga-o.

Si te fizerem soffrer, perdôa e esquece. Si alguem cahir a teu lado, ajuda-o a levantar-se.

Si te estenderem a mão, não a deixes recolher vazia. Aos que te offenderem, responde com ternura. Com uma palavra só ás vezes se póde tanto!...

Si fôres infeliz, bemdize a dor, que purifica, e a Deus, que a permittiu.

Sê puro. Que tua alma seja limpa como uma alma de criança e que nenhum sentimento mesquinho se abrigue em teu coração.

Sê forte. Uma vontade firme é precioso elemento para a victoria na vida. Pensar com intensidade, desejar com ardor, é realizar. Mas age tambem; esforça-te por alcançar o bem cubiçado. Si cruzares os braços, a felicidade fugirá de ti.

Lembra-te de que a felicidade é uma conquista e só quem luta e vence a attingirá.

Não desanimes nos momentos difficeis: antes te sirvam elles de incentivo.

Traça-te a ti mesmo um plano de futuro; propõe-te alguma empresa e caminha corajosamente.

Nenhum esforço é inutil, nenhum trabalho, nenhum soffrimento vão. E' preciso que cada um de nós vá ao encontro do seu destino, seja elle doloroso embora; e é preciso que se saiba que não ha destinos pequenos.

Os dias todos são grandes, as horas são todas bellas.

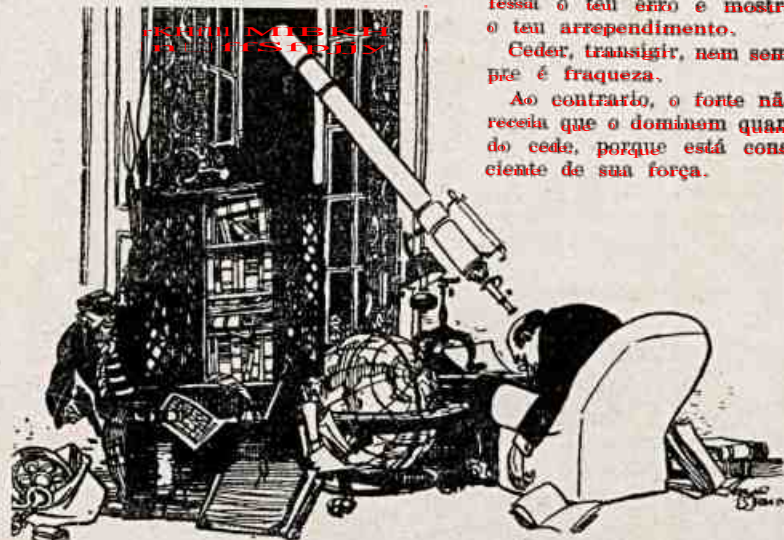
Afasta os pensamentos sombrios, as tentações más; combate com energia o desanimo e a tristeza.

Procura ser alegre como um raio de sol.

Convence-te de que todos os pensamentos e todos os actos estão ligados, infallivelmente, a alguma coisa de grande e de immortal.

Sê generoso, sê tolerante. Si errares ou fôres injusto, não te feches em teu orgulho, mas confessa o teu erro e mostra o teu arrependimento.

Ceder, transigir, nem sempre é fraqueza.

Ao contrario, o forte não receia que o dominem quando cede, porque está consciente de sua força.

O sabio (despertando). — Ha alguem ahi?
O ladrão. — Não, senhor!
O sabio (voltando a dormir). — Então foi sonho.

Henrique Paulo Bahiano — O GRANDE JAPÃO — Renascença Editora — Rio — 10$

TRATA-SE evidentemente de um livro de propaganda, mas, propaganda intelligente. De um modo geral, o autor assim justifica as razões do trabalho: "Na literatura brasileira pouquissimas informações se encontram sobre o Japão. Ha — é verdade — quem, com talento e graça, nos tenha revelado o Japão poetico, o Japão sentimental, o Japão de fantasia. Mas, o Japão potencia, o Japão economico, agricola e industrial, o Japão cooperador na grande obra da solidariedade humana, o grande Japão, emfim, ficou de lado, esquecido e desprezado. Foi precisamente esse Japão que quizemos fazer comprehender melhor dos brasileiros, que delle fazem não raro um conceito de todo erroneo.

"Para elles, o Japão ainda é aquelle paiz de lendas encantadoras, costumes exóticos, paradoxos pittorescos e ritos mysteriosos, descripto em delicioso estylo por um Lafcadio Hearn, por um Pierre Loti, por um Claude Ferrere, por um Wenceslau de Moraes. Para elles, o Japão ficou sendo a terra das *geishas*, de *Madame Butterfly*, do *hara-kiri*, da floração admiravel das cerejeiras e dos lotus, das porcelanas de Satsuma, das laças delicadas de Daikan e Zeishin, da arte sublime de Hakusai e Utamaro."

Então, vemos desfilar, deante dos nossos olhos, outros aspectos do Japão que o autor quiz focalizar, no intuito, aliás louvavel, de divulgar o trabalho construtivo de um povo admiravel na sua tenacidade de conquistas no campo da civilização hodierna.

Tudo foi conseguido com relativa facilidade pelo autor do livro fartamente documentado. Porém, o que é admiravel, é ter conseguido o autor dar-nos uma impressão tão nitida do Japão, sem nunca ter ido lá. Muita gente vae a Roma e não vê o Papa...

Pois o sr. Bahiano viu o Japão sem ter pisado o paiz do Mikado.

Já é alguma coisa de extraordinario! Porém, a utilidade do livro está reconhecida pelo juizo critico do antigo embaixador Feitosa, que prefaciou o volume.

Lamartine F. Mendes — AGUAS PASSADAS — S. Paulo — 1932

UM poema simples, a historia sentimental de alguem que muito soffreu, ou soffre ainda, não sei. Os poetas mentem muito, mas, merecem perdão quando dizem coisas bonitas á amada. E' precisamente o caso do sr. Lamartine Mendes, querendo fazer suppôr aos leitores que os seus versos são restos de um passado feliz, que vae distante... Aguas passadas que não voltam mais...

"Era uma vez um principe encantado,
que saiu á procura da princeza."
Era a historia de sempre. E, deslumbrado,
eu a lia, a alma tonta de surpresa.

Como aquelle mancebo enamorado
do seu sonho de amor e de realeza,
eu te encontrei. Vivemos, lado a lado,
um minuto glorioso de belleza.

"A princeza partiu"... — dizia a historia...
E eu vejo, ao relembral-a na memoria,
nella o nosso romance retratado.

Tu partiste tambem, sombra querida.
E, desde que tu foste, em minha vida,
era uma vez o principe encantado...

Os sonetos do livro são assim estylizados. A nota romantica predomina de principio ao fim. Si o vocabulario não é rico, a idéa brota espontanea, com

nuances de originalidade pessoal, propria, tornando a leitura amavel.

As illustrações de Luigi Andrioli emprestam certa graça ao volume.

Cunha Lopes — DA SIFILIS NERVOSA — Edts. Flores & Mano — Rio — 3$

O dr. Cunha Lopes, docente da Faculdade de Medicina, escreveu o setimo volume da *Bibliotheca de cultura medico-psychologica.*

Depois de traçar rapidamente o esboço historico deste interessante sector da medicina especializada, o autor desenvolve o seu trabalho em 5 capitulos denominados, respectivamente: *Sifilis nervosa; Meningites; Psicoses; Terapeutica* e *Medicina legal.*

O methodo usado pelo autor revela o perfeito conhecimento do assumpto, firmando a utilidade do livro.

Bertha Ruck — A ESPOSA QUE NÃO FOI BEIJADA — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 4$

GODOFREDO RANGEL traduziu, para a *Nova bibliotheca das moças*, este encantador romance de Bertha Ruck. São 348 paginas que despertam vivo interesse.

Charlotte Brame — ARREMESSADA AO MUNDO — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 3$

MAIS um interessante volume da *Bibliotheca das Moças*, cujo éxito está assegurado deante da acolhida que á mesma dispensou o publico.

Concordia Merrel — A MALTRAPILHA — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 3$

MAIS um interessante volume da *Bibliotheca das Moças*, que o publico recebeu com a maior sympathia. Enredo simples, leitura agradavel.

Carneiro Ayrosa — A PSYCHANALYSE E SUAS APPLICAÇÕES CLINICAS — Edts. Flores & Mano — Rio — 3$

O volume que o conhecido docente de psychiatria da Faculdade de Medicina escreveu para a *Bibliotheca de cultura medico-psychologica* contém tres capitulos: *Dominios clinicos da psychanalyse; Neurose com transferencia* e *Neurose sem transferencia.*

O trabalho é justificado pelo autor, da maneira seguinte: "O desenvolvimento e as applicações clinicas da Psychanalyse já assumem hoje um papel bastante marcado, para que a sua divulgação e conhecimento passem a ser necessidade inadiavel. Por toda parte têm sido proporcionadas leituras nesse sentido, de caracter didactico e accessivel aos não especialistas; entre nós, as vulgarizações psychanalyticas, quer em cursos ou conferencias, quer em trabalhos escriptos, visaram, preferentemente, a parte doutrinaria, como a preparar o meio para a posterior particularização, afigurando-se-nos opportuno um esboço synthetico que facilitasse, em rapido golpe de vista, as applicações clinicas dos dados da Psychanalyse. Assim, fica a *priori*, excluida desta exposição a minucia da doutrina, si bem que, no decurso das applicações, muitos de seus dados surjam, até mesmo, com mais espontaneidade e clareza."

A criada. — Agora, deves ir, João, porque a patrôa está chegando. Encontrar-nos-emos domingo, no logar de sempre. Eu estarei com o mesmo chapéo que ella usa neste momento...

Resurreição impossivel

CONTARAM-ME o outro dia que o amor havia morrido, e eu me senti repentinamente accomettido de uma desoladora tristeza.

— Ah! — disse. — Agora comprehendo por que as arvores se mostram tão lentas em reverdecer esta primavera e por que as eglantinas tardam em abrir-se nos extremos dos ramos ainda negros e sêccos.

E' que umas e outras têm a consciencia de que, reverdecidas e abertas, não teriam que preencher sua missão habitual: aquellas, de extender sua sombra em torno dos casaes enlaçados nos musgos; essas, de ser tomadas pelas mãos juntas dos amorosos e ser mordidas por bôccas unidas.

Injustos deuses! Que fatalidade acaba de descer sobre a terra!

Desde que o amor morreu, já não haverá nem dôres nem alegrias. As mulheres deixarão de apparecer formosas, os poetas não cantarão mais e o silencio nocturno não mais lembrará a voz do rouxinol... No infinito azul reinarão tambem a escuridão, e a melancolia, porque os astros, através das desertas immensidades, não mais trocarão beijos radiantes, e os sonhadores enamorados dos concertos divinos debalde aguçarão os ouvidos para as celestes alturas, onde se unem as musicas das espheras.

Minha consternação era tão grande quanto era possivel. No emtanto, uma esperança se elevou a pouco em meu espirito.

"O amor morreu. Seja! Acredito, pois se affirma. Mas é possivel resuscitál-o."

"Porventura os poetas, semelhantes aos filhos

— Com muito prazer tocarei a sonata, baroneza, mas sinto ter de interromper a conversa entre os seus convidados.

— Oh, absolutamente! Si o senhor não tocar muito forte, não os incommodará.

---

dos immortaes, não conhecem as palavras que fazem surgir os mortos de seus logares de repouso? Porventura os lázaros não sabem de seus feretros quando se lhes sabe chamar, segundos os ritos e as palavras usuaes?"

"Irei, procurarei, encontrarei o logar detestavel e augusto em que descança o divino cadaver, e, estremecendo a minha evocação, reviverá, se erguerá, se precipitará de novo entre os homens e as mulheres, chamma sempre devoradora e vagabunda, embora os houvesse atirado em um fosso de gelo sob o monte Pelión".

"Cheio de generosa coragem, correrei pelos caminhos em busca de teu sepulchro, oh, Amor! E, então, triumpharei de teu somno, graças ás estrophes de alguma ode mágica, e os arbustos reverdecerão, e haverá rosas nos rosaes, e o silencio não encherá as profundas florestas nem os celestes espaços."

Mas eis que, á volta do caminho, um velho cego, e que com prazer tocava flauta — sempre suspeitára eu que fosse um pouco feiticeiro, — me disse movendo a cabeça:

— Bem! Bem! Tua diligencia de nada servirá, porque, fica sabendo, o Amor foi enterrado em um tumulo que desafia todas as evocações.

— Oh! Em que tumulo? — pergunto-lhe eu.

— No coração de tua amada — respondeu-me.

Então, estremeci e chorei, com pena da Humanidade, para sempre desherdada de dôres e alegrias.

Porque, ai!, eu nada sabia: o coração de minha amada é tão frio e tão fechado, que nada poderia despertar nelle para a vida nem nunca sahir dali. — CATULLE MENDES.

Notas de Arte

CRITICOS E CHRONISTAS. — Nestas *Notas* sempre insistimos em que não nos cabe a denominação de *critico*, mas só a de *chronista*, quando dizemos das artes plasticas e da arte musical, artes de cuja technica só temos conhecimentos muito summarios: o *a b c* da musica e rudimentos da plastica; noções de theoria musical e de piano, e elementos de desenho geometrico e geometria descriptiva. De sorte que os nossos commentarios sobre as producções daquellas artes resultam apenas das emoções que causam á nossa sensibilidade, e não de analyses technicas.

Claro é que versamos e temos versado algo da literatura musical e plastica e possuimos alguma pratica visual e auditiva de concertos, espectaculos lyricos e exposições de pintura, esculptura e architectura — o que fornece um dos elementos mais uteis e indispensaveis para julgar — qual é a comparação de autores e interpretes — mas ainda assim não é o bastante para nos arvorarmos em critico no sentido preciso do termo.

A Critica, na sua accepção geral, é a arte de julgar, e para julgar é preciso saber o que se julga.

Não quer dizer isso que para julgar uma obra scientifica, artistica ou philosophica, seja o juiz sabio, artista ou philosopho, mas sim que conheça sciencia, arte e philosophia.

Assim para se dizer critico de arte — é preciso que o critico conheça a arte, embora não seja artista. E conhecer a arte é conhecer-lhe a technica correspondente: saber fazer verso ou prosa; ler uma partitura; desenhar e colorir um quadro; esboçar uma estatua ou um monumento; embora tudo desprovido de inspiração poetica, quasi sempre incompativel com o espirito analytico predominante na critica, e só excepcionalmente co-existente em raros espiritos, ao mesmo tempo dotados de capacidade poetica e philosophica.

A essa condição fundamentall junta-se a não menos indispensavel e rarissima, a do gosto, a do bom gosto; tão rara, que Diderot costumava dizer: entre mil pessôas, encontra-se apenas um geometra, e entre mil geometras, só uma pessôa de gosto.

Mas si com o conhecimento da arte que critica e com o bom gosto, o critico está intellectualmente formado, não o está integralmente, si todo o saber e todo o gosto não obedecem á lei moral, si o critico não tem caracter, e é capaz de pôr a sua capacidade critica a serviço dos interesses pessoaes, julgando sem justiça, para agradar ou desagradar os criticados, para corresponder a obsequios de que fôra alvo, para vingar-se de recusa a favores solicitados, ou ainda por outros motivos mais ou menos inconfessaveis.

Caracterizando assim o verdadeiro critico de arte, reconhecemos que nos falta a primeira condição, a competencia technica, em relação ás artes do som e da forma, só possuindo a da arte da palavra, mas acreditamos satisfazer, ainda que imperfeitamente, á segunda — o gosto, e temos consciencia de possuir integralmente a ultima — a sinceridade das opiniões. Os nossos commentarios podem incorrer em erros de technica, em falta de gosto, mas são sempre sinceros: traduzem com mais ou menos fidelidade as nossas emoções. Podem não exprimir a melhor opinião, a opinião mais competente, a opinião justa, a opinião definitiva, mas são realmente a *nossa*

AMOR DE CABOCLA

NA tarde quiéta e morna a paizagem vivia. Longe, os boeiros dos engenhos se erguiam altos como dedos de gigantes querendo furar o céu. O cannavial, pelo valle a dentro, era como uma serpente de esmeralda colleando, lascivamente, na tarde quiéta e morna.

Num galho de aroeira uma araponga feria a alma da tarde com o *tem-tem-tem* vibrante do seu grito.

Maria Rosa, a cabocla mais bonita de dez léguas em derredor, scismava, na quietude da tarde...

Os seus olhos, parados, perdiam-se ao longo do scenario.

Braços abertos, á porteira do cercado, como que crucificada, naquelle domingo quieto, ella sentia o deslumbramento da vida, a delicia gloriosa de viver. O talhe esguio do seu corpo moço resaltava no quadro da porteira como o retrato de uma deusa morena. E seu corpo, em fórma de anfora, recebia, voluptuoso, os beijos quentes do sol.

A bôcca rasgada, vermelha como a fruta do mandacarú, deixava entrever os dentes alvos de uma alvura deliciosa de espuma de leite e sorvia em haustos como que bebendo vida, o ar purificado do valle verde.

Dilatavam-se-lhe as narinas aspirando o cheiro gostoso que vinha impregnando o ambiente, aquelle cheiro bom de mel de assucar, caracteristico dos engenhos.

opinião. Nunca tivemos nem teremos estas attitudes: sentir de um modo e expressar de outro; ser implacavel na apreciação de A e condescendente no julgamento de B: elogiar o falso talento com que se sympathiza e censurar o talento verdadeiro antipathizado; abater o merito e realçar a mediocridade. Si algumas vezes não somos justos, é inconsciente a nossa injustiça. Jamais emittimos juizo contrario ao que realmente sentimos.

Dir-se-á agora: com todas as restricções de ordem mental, e abstrahindo-se do valor moral, que se presume, salvo prova em contrario, em todos os criticos, o commentador da obra de arte, que as julga pelas emoções causadas á sua sensibilidade, nem por isso deixa de ser critico: é um critico impressionista. De accordo. Mas para evitar confusões e não permittir, segundo o dito popular, que — *as gralhas se enfeitem com as pennas do pavão* — convem adoptar as duas denominações: deixar o termo *critico* para designar os que satisfazem a condição intellectual do conhecimento integral da arte correspondente, os que são criticos technicos, criticos propriamente ditos; e o termo *chronista* para designar os criticos impressionistas, os que apenas relatam as impressões recebidas, os simples noticiaristas de emoções.

Eis porque mais uma vez nos applicamos a denominação de *chronista* e não *critico* de arte, muito embora não a acceitem para si mesmos outros em condições analogas ás nossas, outros que, apesar das apparencias, são realmente *chronistas* e não *criticos*...

OSCAR D'ALVA

P. S. — Por haverem escapado á nossa revisão, deixaram de figurar entre as nossas impressões excepcionaes do anno artistico de 1932, mencionadas na ultima chronica — todos os numeros de harpa interpretados, vividos pelas mãos canoras de Lea Bach e a incomparavel execução do *Larghetto* de *Concerto* de Chopin e de todo o famoso *concerto* de Ravel, pela arte finissima de Marguerite Long.

Por involuntario esquecimento, deixamos tambem de registrar, o que fazemos agora, terem sido os acompanhadores de quasi todos os cantores, os pianistas brasileiros, d. Julieta Gomes de Menezes, José de Souza Lima e Mario de Azevedo, e de haverem figurado nas festas: da Paz, realizada na *Federação Brasileira pelo Progresso Feminino* — Maria Eugenia Celso, Madeleine Manuel, Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, Henriqueta Abreu, Yvonne Muniz Barreto e Beatriz dos Reis Carvalho; a favor do emprezario Sanzone — Honorina Silva, Carmen Sibillo, Carmen Gomes, Reis e Silva, Romeu Ghipsmann, Iberê Gomes Grosso, Arnaldo Estrella; na Legação da Polonia — Ninon Hauer e Elza Rodrigues; no Botafogo Foot Ball Club — Flavita Azevedo da Silveira, Maria Luiza Teixeira, Eleonora Massot, Marieta Lopes de Souza Olympia Chermont, Dulce Barbosa, Edda Silva, Alba Barcellos (cantoras) — Nadir G. Silva, Dea Castro Barreto, Eunice Valle, Elza Ribeiro, Nilza Valle, Dirce Bustamente, Dora Queiroz, Maria Eugenia Haddock Lobo, Nadile Lacour de Barros, José Joaquim Pereira Junior, João Lima (pianistas).

— Pedimos ainda uma vez a todos os que desejam se corresponder com o autor destas *Notas*, o obsequio de remetterem a correspondencia para a Casa Arthur Napoleão, Av. Rio Branco n. 122.

— A todos os que nos enviaram convites para exhibições de arte, a que não pudemos comparecer por falta absoluta de tempo, rogamos nos desculpem a involuntaria falta.

— E vocês não se aborrecem nesta solidão?

— Ora, sempre encontramos um bobo para nos distrahir...

De Mucio da Veiga

Fitava o sol... E seu rosto moreno e sadio estava cheio da radiosidade do sol loiro.

O cabello revolto e negro cahia-lhe pela nuca e, derramado sobre os hombros da cabocla, emmoldurava-lhe o rosto em uma moldura de ébano polido.

Maria Rosa scismava...

Flor de carne e de desejo; fruta do matto, deliciosa e selvagem, ella sentia que dentro de sua vida faltava qualquer coisa. Uma coisa que ella mesma não sabia o que era. Mas, sentia um grande vazio dentro do coração. Ella precisava de algo maior do que as paizagens, do que o sol, do que a vida... E ignorava o que faltava á sua vida...

Somente não ignorava que no fundo de suas pupilas, desenhada maior do que todas as paizagens vivia a imagem daquelle caboclo forte do engenho vizinho... Aquelle caboclo que no samba da vespera havia apertado o seu corpo tão de encontro ao coração que a fizéra sentir no sangue uma febre esquisita, desconhecida, como um gesto amargo de vida...

Na tarde quieta e morna, Maria Rosa sentia a ausencia daquelle rapaz que conhecêra na vespera.

Por isso, deante da vida, deante do quadro verde que se estendia aos seus olhos, ella se deixava perder em pensamentos novos e inquietos...

Maria Rosa amava...

Brisas de outomno

ADELIA. — Que entardecer triste não é verdade?...

Herminia. — Sim... Embora eu creia que a tristeza está em nós, e não na tarde... Ha vinte annos atraz, nem a ti nem a mim nos parecia melancolico um pôr de sol... Tinhamos, então, dezoito annos.

Adelia (*suspirando*). — E mil illusões!

Herminia. — Que não pudemos transformar em realidades...

Adelia (*vivamente*). — Mas não por culpa nossa.

Herminia. — Quem sabe!... Talvez fosse necessario que ajudassemos ao destino, nalguma coisa...

Adelia. — Mas como?

Herminia. — Que sei eu!... Com um pouco mais de vaidade, com um pouco menos de segurança no futuro... Lembras-te?... Tu dizias: "Já me vejo aos quarenta annos, em minha casa, com meu marido e meus filhos, sendo uma senhora respeitavel, presidente de alguma sociedade de beneficencia..." E agora vês: nem marido, nem filhos, e uma casa fria, desolada, hostil... Eu, tambem como tu, ia tecendo illusões... Pareciam-me tão distantes os quarenta annos!... E, no emtanto, bem perto estamos delles...

Adelia. — E tão longe de tudo o que sonhamos!... Eu não me resigno a perdêl-o... Por que, si as outras o alcançaram, não pudemos conseguil-o nós?

Herminia. — O mais doloroso é que sentimos o vácuo, a solidão, o abandono muito mais que outras que se acham em nosso caso... Jovita Pinheiro, por exemplo, diz que não lhe importa deixar de ter casado, que está satisfeitissima, que mais vale ser uma solteirona feliz que uma esposa desgraçada...

Adelia. — Mas tu acreditas na sinceridade dessa "satisfação"? E' a eterna fábula da raposa e das uvas... Estão verdes!...

Herminia. — Pois ella está bem contente... Leva tudo na troça...

Adelia. — Dirá a phrase do classico: *Je ris, de la peur d'être obligé d'en pleurer...* Porque é impossivel que não sinta a amargura do fracasso.

Herminia. — Talvez não tão profundamente como nós... Ha espiritos mais delicados, mais sensiveis a todos esses arranhões que nos dá a vida... Não são feridas graves, não se morre dellas e, no emtanto, como dóem!... Olhamos para traz... Que caminho mais curto!... Vinte annos!... O primeiro amor!... A juventude que tudo espera, que julga ter direito a esperál-o!... Como?... Já se foram?... Mas si foi hontem!... E sentimos frio, angustia... Tão perto e tão longe!... Oh, o milagre de um retrocesso para tornar a encontrar o perdido!...

Adelia (*tristemente*). — Só para Fausto se fez o milagre, isto é, para os homens... Vês como foi cruel o poeta!... Nem siquer nos deixou a esperança de crer que tambem em nós poderia operar-se o prodigio... Alma joven em corpo que começa a envelhecer!... Ha nada que possa atormentar como isto?... Porque eu me sinto capaz de querer a um homem com toda minha alma, com as ternuras accumuladas em tantos annos de inutil espera, mas seria ridiculo dizêl-o... Começam as cans, as rugas. Embora as occultemos, ellas ahi estão, impedindo-nos de qualquer discreto avanço...

Herminia. — Já só nos resta apoiar-nos uma na outra para poder carregar mais commodamente o fardo dos desenganos...

Adelia. — E o das resignações...

FANFRELUCHE

REVENDO-TE

De Gentil Pinheiro

(Conclusão do numero anterior)

* * *

O crepusculo não baixava em momento nenhum. Estava meio forte, meio viril. O cerebro melhor, assimilhava as paginas typographadas e o coração desejava invadir os olhos de alguem. Comprehendia e amava.

A época mais feliz. E foste tu, Natal, que m'a proporcionaste.

Rapazóla, eu passeava compenetrado de um vario porvir em sendo presidente ou ministro, escriptor ou poeta. Contemplava, na pureza da minha sensualidade, a donzella que me apaixonára. A creatura cujo corpo e carne desappareciam para ser venerada, somente, a immaculabilidade de um rosto santo.

Caminhava pelos passeios, pelos montes, pelas praias. A's tardes, quando o sol, parecendo não saber onde deitar-se, pela formosura dos aspectos, si no mar, si nos vallados ou nos morros, dirigia-me a Petropolis. Lá na orla marinha, absorto e estatico, mirava o rolar verde e alterado das ondas. E quantas vezes ellas, na attracção entre-chocante dos seus marulhos, me convidavam, com os seus beijos flocados nas areias, para que eu, tambem, os sentisse na totalidade do meu physico. E esperava, de pé, que aquelles paredões movediços e quebraveis passassem sobre mim e, depois, baixassem, deixando-me molhado a avistar a vastidão inquietante das aguas e a serena do firmamento. E pensava que se casaram com aquelle contraste. Uma, sempre a fremir na ansia, talvez, de um encontro e a outra na calma formosa e brilhante da noiva que espera o amado. Nunca se juntarão. Espiam-se de longe. Ha entre ellas o abysmo torturante do destino. Vivem igual a muitos, como eu emfim. Vendo e não possuindo. Consorciados, ás vezes, por mandatos.

* * *

E hoje creio que foram essas scenas que me fizeram, depois, viver, amargamente, em procura do bello e do bem, e estes a desappareceram. Visões que se nos apegam e que nos amortalham. Que marcham somente, a conduzir o preterito.

Porque esses traços de innocencia em conjuncto aos dos prazeres nunca se amalgamam aos da miseria e aos da corrupção. Repellem-se. Isolam-se. Estão, como dois eu, em separado no acompanhar da nossa attitude. Um, parado a olhar atraz, de sorriso aberto e, talvez, odiando o além e desejando, encarniçadamente, a volta. O outro rompendo, numa vanguarda, todas as torpezas, em gargalhadas ou numa impenetrabilidade de acção vencedora. E, por isso, de momento a momento, esphacela-se, emquanto o primeiro resiste, dentro em nós, na fortaleza da sua virgindade. E esse ser puro é que, ainda, nos allivia e nos satisfaz na luta. Conduz, na verdade, ao seu redor, a podridão, qual o espirito a materia.

* * *

Desse modo, eu scismava no tombadilho do navio, quando de passagem, depois de alguns annos, pelo meu torrão Natal.

Vieram-me, ao tranzitar em teu porto, todas essas e outras recordações.

E notei sahir de mim, como de um ninho, aves multicôres numa ansiedade de soltura. Poisaram, logo, por todos os logares.

Uma dellas visitou a casa paterna, revolvendo, entristecida e muda...

Outra revoou por toda cidade, não querendo alli demorar. Voltaria commigo, nunca me abandonaria.

Porque não era mais aquillo que deixára. Bonds subiam e desciam, automoveis sumiam-se, quasi em vôos; a electricidade desmaecia o luar e o povo agitava-se nas ruas para vencer ou morrer. A pacatez ausentou-se.

Ficariam, mas, somente, com as paizagens de outr'ora...

Não as encontrando, prefeririam ser banidas.

Porque nunca mais se encontrariam, naquelles sabbados, quando a lua beijava o Potengy, com o *passo-da-patria*, tendo o cantar choroso de um mendigo áquelles muros; a azafama de quasi todos nas gulodices cheirosas e sadias; no caldo de canna doce ou azêdo; nos grudes cylindricos de todos os tamanhos, enrolados a fôlhas de bananeiras, emfim, a familiaridade dos que alli se agglomeravam. Num logradouro publico, a multidão se reunia como num patriarchado.

E por não ter mais esses quadros e outros que nellas se gravaram, era melhor o desamparo.

A lagrima, ao longe, cae mais intensamente, porém, de tempos a tempos.

* * *

E o ferro levantou, e o barco sahiu.

As luzes extinguiam-se e tudo se revivia na minha magoada reminiscencia.

Observava concentrado e melancolico quando tocaram, no pavilhão da minha orelha direita, os cabellos *á la garçonne* de alguem. Uma mulher. Minha perdição.

— Choras?

— Não. Recordo-me.

E desviou-se. Vi, então, que ellas, apesar de nos arrancarem da patria, da familia, da religião, até da nossa infancia têm ciume. Tudo querem. E eu bemdisse esse egoismo. Porque nellas temos o amor. E por elle tudo deixei porque tudo nelle encontrei...

O GUARDA LIVROS

Conto de Guy de MAUPASSANT

QUANDO o velho Leras, guarda-livros da firma Labuze & Cia., sahiu do estabelecimento, ficou alguns instantes deslumbrado com o brilho do sol poente. Trabalhara todo o dia á luz amarellada do bico do gaz, no fundo da loja, junto da área estreita e profunda como um poço. Era tão escura a saleta em que, havia quarenta annos, passava os dias, que mesmo em pleno verão elle só podia dispensar a luz artificial entre as onze e as tres horas.

Havia sempre alli humidade e frio; e as emanações daquella especie de fossa em que se abria a janella entravam pela saleta escura e a enchiam de um cheiro de bolôr e de esgoto.

Desde quarenta annos passados chegava Leras todas as manhãs, ás 8 horas, a essa prisão e alli ficava até ás 7 horas da noite, acurvado sobre os livros, escrevendo com o afan de um bom empregado.

Ganhava actualmente tres mil francos por anno, tendo começado com a metade. Era celibatario, porque o seu ordenado nunca lhe permittira que se casasse. E nada tendo gozado da vida, não tinha ambição alguma. No emtanto, uma vez ou outra, cansado do seu labor monotono, formulava um desejo platonico: "Ah! se eu tivesse cinco mil libras de renda que bôa vida!"

Essa bôa vida, elle aliás nunca a tivéra, pois nunca passara dos seus vencimentos mensaes.

A vida lhe passara sem accidentes, sem emoções e quasi sem esperanças. A faculdade de sonho, que cada um de nós traz comsigo, nunca se desenvolvera na mediocridade das suas ambições.

Entrara aos vinte e um annos para a casa Labuze & Cia. e de lá não mais sahira.

Em 1856 perdera o pae, e depois a mãe em 1859. E depois disso o unico acontecimento da sua vida fôra uma mudança em 1868, porque o seu senhorio augmentará o aluguel do quarto.

Saltava do leito todos os dias ás 6 horas precisas, ao som de um ruido terrivel do despertador.

Sahia, comprava um pão na padaria Labure, de que conhecêra doze proprietarios differentes, sem que ella perdesse o nome do primitivo. E punha-se a caminho, a comer vagarosamente.

A sua existencia inteira decorrêra, pois na estreita sala sombria, forrada sempre com o mesmo papel. Entrara moço, como ajudante do sr. Brument e com o desejo de substituil-o, mais tarde.

Substituira-o, e agora nada mais esperava.

Toda a mésse de recordações que colhem os outros homens no decorrer da existencia, os imprevistos, os amores doces ou tragicos, as viagens aventurosas, todos os acasos de uma vida livre haviam-lhe sido estranhos.

* * *

Nesse dia o velho Leras ficou deslumbrado, na porta da rua, pelo fulgor do sol poente; e em vez de se dirigir á casa, teve a idéa de fazer um pequeno gyro antes do jantar, o que lhe acontecêra quatro ou cinco vezes por anno.

Chegou aos boulevards, onde se agitava a multidão sob as arvores reverdecidas. Era uma tarde de primavera, uma dessas primeiras tardes tepidas e macias que turbam os corações com uma embriaguez de vida.

Leras caminhava com o seu passo saltitante de velho; ia com um brilho alegre no olhar, feliz com a alegria universal e com a tepidez do ar.

Chegou aos Campos Elyseos e continuou a andar, reanimado pelos effluvios de mocidade que passavam na brisa.

O céo inteiro flammejava e o Arco do Triumpho desenhava a sua massa negra sobre o fundo illuminado do horizonte, como um incendio. Quando chegou junto ao monstruoso monumento, o velho guarda-livros sentiu fome e entrou num restaurante para jantar.

Serviram-lhe numa mesinha da calçada e Leras jantou como havia muito não fazia.

Depois de haver pago, sentiu-se alegre, vivo e mesmo um tanto perturbado. Disse comsigo: "Que linda noite! Vou continuar o passeio até á entrada do *Bois de Boulogne*, isso me fará bem!"

E partiu. A noite descera sobre Paris, uma noite sem vento, uma noite de estufa. Leras seguia a

---

RAINHA E MARTYR

(CONCLUSÃO)

por Alex, assaltam o palacio. O rei é morto e Maria é aprisionada no seu aposento, conseguindo, entretanto, fazer fugir o principe, entregue a uma aia fiel.

Nessa occasião, o coronel conta a Alex em que circumstancias, para salvál-o, Maria se despojou de todas as suas joias e a que proposito ella obedeceu quando poz termo aos seus amores com elle. Alex fica perplexo ante essa revelação, e o seu coração, onde só morava o odio, todo se alvoroça novamente de gratidão e de amor. Nessa altura, elle é encarregado de obter de Maria a desistencia dos seus direitos ao throno e de seu filho. Mas Maria isso não acceita para não cobrir de vergonha o nome do principe, e os revolucionarios tornam então objecto de seu odio. Alex, de cuja mudança de attitude depressa se aperceberam.

Certos, porém, de que a presença de Alex na capital só poderia dar força á causa da familia real, combinam deixál-o ás soltas, contanto que elle sáia do paiz, para logo faz em companhia de Maria, agora livre de se entregar ás delicias do amor que elle lhe promette.

Avenida do *Bois* e distrahia-se a ver passarem os fiacres. Os carros vinham, com os seus olhos luminosos, um atraz do outro, deixando ver por momentos um par abraçado, a mulher de vestido claro, o homem de terno preto.

Era uma longa procissão de namorados, a passar sob o céo estrellado e ardente. E elles passavam, passavam sempre, recostados nas carruagens, mudos, aconchegados, perdidos na allucinação, na emoção do desejo, no fremito do proximo amplexo. A sombra tepida parecia cheia de beijos que voejavam, que fluctuavam no ar. Uma sensação de ternura enlanguescia o ambiente tornava-o mais suffocante. Todas essas creaturas enlaçadas, na ébriez do mesmo desejo, do mesmo pensamento faziam correr um fremito pelo ar. Todas essas carruagens, cheias de caricias, deixavam á sua passagem uma emanação subtil e perturbadora.

Um tanto fatigado da marcha, sentou-se Leras a um banco. "Antes eu não tivesse vindo! pensou. Estou incommodado, aborrecido...

E pôz se a pensar em todo esse amor, venal ou passional, em todos esses beijos, livres ou pagos, que passavam deante delle.

O amor! elle mal o conhecera! Só tivera na vida duas ou tres mulheres, por acaso, de surpreza. As suas posses não lhe permittiam aventuras. E pensava na vida que levára, tão differente da vida dos outros, na sua vida tão sombria e insipida, esteril e vazia...

Ha creaturas que positivamente não têm sorte. E de repente, como si se houvesse rasgado um denso véo, elle percebeu a miseria, a infinita a monotona miseria da sua existencia: a miseria passada, a presente e a futura; os ultimos dias em tudo eguaes aos primeiros, sem nada em volta delle, nada no coração, nada em parte alguma, nada...

O desfilar dos carros continuava. E elle via sempre apparecerem e desapparecerem, na rapida passagem do carro descoberto, os pares silenciosos e abraçados. Parecia-lhe que a humanidade inteira desfilava deante delle, ébria de alegria de prazer e de felicidade. E elle sozinho a olhal-a, só, inteiramente só. E amanhã estaria ainda só, isolado como ninguem, no mundo...

Levantou-se, deu alguns passos e, bruscamente, fatigado como se acabasse de fazer uma longa viagem a pé cahiu pesadamente sobre o banco vizinho.

Que esperava elle? Nada! Pensava apenas que deve ser agradavel, quando se é velho, achar, ao entrar em casa, crianças que papagueiam. E' doce envelhecer quando estamos cercados desses pequeninos entes que nos devem a vida, que nos amam e acariciam, que dizem essas palavras ingenuas e encantadoras que reanimam o coração e consolam de tudo...

E ao pensar no seu quarto vazio, no seu pequeno quarto limpo e triste, onde só elle entrava, uma sensação de agonia assaltou-lhe a alma. O seu quarto pareceu-lhe ainda mais lamentavel que o escriptorio.

Ninguem o visitava, ninguem falava alli. Era um quarto morto, mudo, sem éco de voz humana.

(*Cont. na pag. seguinte*)

DESIRÉE (3) — V. ex. é uma creatura adoravel. Apenas devo accentuar o seguinte: moça illustrada, intelligente, sabida — como "les femmes savantes", de Molière — e escrevendo á machina, sob um pseudonymo vulgar me faz crêr tratar-se de uma senhora energica, positiva, decidida, dactylographa, com diploma e baile de collação de grão, e os respectivos oculos, fuzilantes, com aro e hastes de ouro.

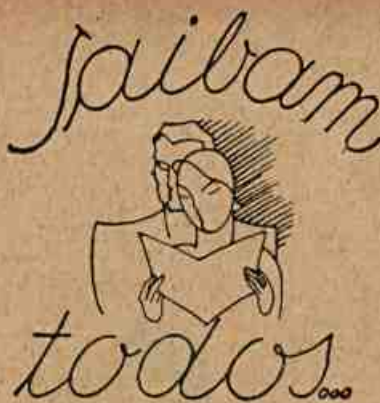
Mas creia que sou tambem seu admirador. Admirador do retrato mental que fórmo de v. ex., pois, é claro que o outro não conheço, e talvez não chegue nunca a conhecer. A menos que m'o queira offerecer, pelo primeiro correio, sem se utilizar do truc de enviar-me a foto de uma artista de cinema, uma artista bonita, como sendo a de v. ex...

Passemos á sua bella missiva literaria:

Illmo. Snr. Yves. O meu saudar. Envio-lhe um bom-dia alegre, de um domingo festivo e radiante. Escrevo-lhe pela segunda vez no "terrasse" da nossa casinha, contemplando ao mesmo tempo "una mañana deliciosa". O céu está limpo e azul e o sol, despontando de lá da montanha, reflecte seus raios dourados por sobre as aguas quietas e mudas do Vale do Rio Doce. Este Vale majestoso e verdejante! Que quadro encantador. Dir-se-ia completa a obra da Natureza por estas paragens — o que faz inveja ao Monte Libano, tão afamado pela belleza de suas montanhas e vales e suas vistas panoramicas.

Sinto a minha alma poetizar-se neste momento e o sentiria qualquer um sêr humano a começar do mais rustico ao mais romantico, portanto, não me ironise por lhe expressar o contentamento do meu "eu", um "eu" de uma mulher indefinida, que acordou hoje alegre, de uma alegria maluca e de um bom humor incrivel, ruidoso, com mania de escutar a todos e adorar tudo...

Mas deixando a Natureza com tudo o que é bello, vou directamente ao que me interessa.

Vi minha carta publicada no "saibam todos" do Fon-Fon de 24 de 9 e embora a tenha publicado sem uma pequena analise de sua parte, mostrando assim ser indifferente á admiração que lhe voto e felicitação que lhe fiz, eu continúo fazendo uma propaganda fervorosa em pról de seu romance. E já as minhas amiguinhas, depois de terem lido a minha carta, procuram a todo custo obtel-o, anciosas pela sua leitura, não visando mais aquelle ponto de vista, um tanto estupido e idiota, apresentado por seus inimigos como livro immoral, pregando desse modo a sua prohibição pela immoralidade que nelle focaliza — quando elle não trata de outra coisa senão da moralidade.

Eu esperava um commentario qualquer seu, a respeito do que escrevi, mas infelizmente v. permaneceu "importante" e grandioso como um deus.

Agora de uma coisa v. pode estar certo: Si não perco occasiões de ler o que v. escreve todo domingo no Fon-Fon, si faço a recommendação de seu romance, si procuro propagal-o para os outros — não é pelos bonitos olhos que você tem, mas sim pelo proprio beneficio que elle traz ás filhas de Eva, para que ellas se armem e menos acreditem nesse bello animal que é o homem.

De v. não se espera outra coisa, senão a ironia, o pouco caso, entretanto sabe Deus a magôa que guarda no seu peito de uma "deusa esperta" que lhe "tapeou" outr'ora, quando era ainda bobinho e crente no amôr, aniquilando-lhe de um modo profundo e talvez para sempre, o sonho que tão bello e santo lhe fôra, e implantando no seu coração de poeta a matadora descrença. Francamente snr. Ironico, você é digno da nossa commiseração. O seu indifferentismo por nós, infunde-nos piedade, porque de quando em vez, v. escreve coisas bonitas no Fon-Fon, com referencia a mulher reduzindo e desprezando-a apparentemente e adorando-a intimamente. A buena dicha devia lhe ter dito isso uma vez, e confirmo-o eu agora.

Veremos si desta vez, v. se sente "machucado" no seu orgulho de homem, respondendo a esta e dizendo alguma coisa a meu respeito. Quero ver si consegue analisar a alma que possuo. Sou a creatura mais estravagante e ao mesmo tempo — a mais simples deste mundo (bem entendido: Extravagancia de uma moça um pouco ajuizada, não vá definir-me de modo diverso) Entretanto me sinto as vezes abatida por uma tristeza infinda. De uma moça vivaz, irrequieta, alegre e communicativa que sou, passo a rustica, sizuda, impaciente e malcreada. Não consigo comprehender-me... comprehender o estado de minh'alma quando estou assim... Falta-me sempre qualquer coisa. Adivinhar-me? Não sei. E esquisita a minha psychologia, não acha você?

O GUARDA LIVROS

(Conclusão)

* * *

Dir-se-ia que as paredes guardam qualquer coisa das pessoas que vivem entre ellas, qualquer coisa das suas attitudes, figuras, palavras. As casas habitadas por familias felizes são mais alegres do que as habitações dos miseraveis. O seu quarto era vazio de recordações como a sua vida. E alarmou-o a idéa de entrar sozinho nesse quarto, deitar-se na cama, repetir todos os movimentos e todos os trabalhos costumeiros. E como para mais se afastar desse sinistro aposento e da hora de para elle voltar, levantou-se e entrou pela primeira alameda, para sentar-se á relva.

Ouvia em torno, no alto em toda parte, um rumor confuso, immenso, continuo, feito de ruidos innumeros e differentes, um rumor surdo, proximo, distante, uma aga e enorme palpitação de vida:

Nos homens pouco ou nada creio. Nada alteram no meu modo de viver. Por causa "delle" não me entristeço e nem tão pouco sinto-me desligada do amôr. Vivo assim, com 20 annos á completar, sem uma paixão aguda que me prenda e nem uma desillusão forte que me amofine e acabe; cuido mais dos livros, irmãos gemeos da sua "Garçonne" que me proporcionam um desinteresse completo pelo homem. Não é melhor assim?

Já me cansei e acho que já lhe aborreci bastante. Vou acabar.

Oxalá em breve, possa ler um outro ormance seu, para depois lhe dar meus anonymos, porem sinceros parabens.

Um "shak-hands" da admiradora, que sente não ser *Paulista ou Gaucha* para merecer um pouco de sympathia do grande poeta e psycologista Yves. — *"Désirée"*.

"P. S. Esta carta deve merecer de v. uma pequena resposta porquanto não pede publicação de sonetos, nem a sua opinião sobre alguem que pergunta si póde continuar a escrever bobagens amorosas ou desistir. Deus me Perdôe! A minha insignificante pessôa não tem, nem nunca terá aspirações a isso."

Agora, uma perguntazinha innocente: v. ex. será mesmo uma filha de Eva? Ou será um formoso varão?

Si o é, não m'o negue.

Adeusinho, sim?

---

ha o halito de Paris, que respirava como um ente colossal.

* * *

O sol, alto já, derramava uma onda de luz sobre o *Bois de Boulogne*. Começavam a circular alguns carros e varios cavalheiros chegavam alegremente.

Um casal ia a passo por uma alameda deserta. Subitamente a moça, erguendo os olhos, viu um vulto escuro nos galhos de uma arvore. Levantou a mão, admirada e inquieta:

— Olha... que é aquillo?

Depois, com um grito, cahiu desmaiada nos braços do companheiro.

Chamados os guardas, estes retiraram dos ramos um velho enforcado nos suspensorios.

Verificou-se que a morte occorrera na vespera. Pelos papeis encontrados nos seus bolsos, ficou apurado tratar-se do guarda livros Leras, empregado da casa Labuze & Cia.

A sua morte foi attribuida a um suicidio, de causa ignorada. Talvez um subito accesso de loucura...

SAMARITANA (Capital) — Hum! Carta de uma gaucha? Lá vem belleza: Dois pontos:

"Caro Yves. Saudações. Lendo o "Fon-Fon" de 12-11-32, achei deveras interessante o questionario que te foi dirigido por Mariah, e venho por meio desta, defender o que você diz a respeito da mulher.

Então, você acha que nenhuma mulher é sincera, Yves?

Não seja tão pessimista, abra mais os olhos (do que já os têm) para a vida e você encontrará uma mulher sincera. Quando uma mulher ama com um amor verdadeiro, ela é sincera.

Infelizmente, Yves, a mulher que você amou enganou-te, e des-

de, então, você acha que nenhuma mulher póde ser sincera.

Não seja injusto! Não julgue todas por uma. Você ha de amar mais uma vez (não pense que sou cartomante) e então verá (si sua amada souber corresponder seu amor) quanto póde o amor de uma mulher. Pelo homem que ella ama, sacrificará a vida. E você quer uma prova de sinceridade maior?

Eu sou noiva, Yves (isto você não conte a ninguem, porque si meu noivo sabe que eu te escrevo, nem quero pensar... ele é terrivel de ciumento mas como Sans être un peut paloux...) e para meu noivo, que eu amo com loucura, daria o meu sangue para salvar-lhe a vida.

Você ha de pensar comsigo: isto elas todas dizem, mas vá tirar-lhe o sangue para ver si ella deixa ..

Não pense assim, Yves, porque eu sou gaúcha, e quando uma gaúcha diz uma cousa, não retrocede (principalmente em amor, por que ela sabe amar tanto, Yes, como um pernambucano...

Desculpe a extensão da carta, Yves e aceite um sincero abraço (de irmão), da *Samaritana."*

... E v. ex. ainda ha de entrar no reino dos céos, em companhia dos bemaventurados do "Sermão da Montanha" e das onze mil virgens. — Em nome do Padre, do Filho, do Espirito Santo — Amen.

FLOR PERNAMBUCANA (Pernambuco) — Viva! Um bello postal esse que me manda, com votos de bôas festa, que retribúo com effusão.

O cartão representa um trecho da praia de Boa Viagem e o obelisco.

Bonito. Aquelles coqueiros farfalhantes, que não existem nas praias cariocas, me inspiram uma saudade infinita da minha formosa terra.

Quantas vezes brinquei nas areias de bôa Viagem, onde apanhava umas fructinhas vermelhas, — cujo nome era assim como grajahú ou guajarú — e os saborosos cajús nativos, que se dependuravam dos galhos arqueados.

E Olinda com as suas mangabas e jaboticabas negrinhas! Ah, saudades que não morrem! Boa Viagem. Vida simples. A minha infancia. A minha gente, tão bôa, tão nobre, tão valente e tão digna!

Permitte que diga aqui os versos de um poema que escrevi, certa vez, sobre Pernambuco?

Para que recordar, si esta recor-
[dação
me inunda os olhos d'agua e dóe
[no coração!

Yves

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2-4136

FON-FON — 14-1-933

Data da consulta ....

Nome da consulente ....

O VENDEDOR DE CADAVERES

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

CAPITULO I

UM ASSASSINATO MYSTERIOSO

Temos ahi uma visita, Harry, disse Sherlock Holmes, tirando por um momento o cachimbo da bocca, e trata-se de uma senhora elegante, que vem falar-me a esta hora tardia.

— De facto, a campainha tocou, senhor Holmes — retrucou Harry Taxon, o ajudante e o discipulo do celebre policia; mas de onde conclue que seja uma senhora elegante? Está sentado no seu fauteuil, e não pode ser quem sobe a escada neste momento...

— Que é uma dama, tornou Sherlock Holmes, adivinhei-o pela campainhada; só as senhoras tocam com tanta violencia a uma porta. O meu ouvido distingue perfeitamente um passo ligeiro de mulher; ouço o ruge-ruge das saias de seda; por ultimo, através da porta, sinto um odor assaz desagradavel de um perfume qualquer; vês, portanto, meu rapaz, que não era nada difficil dizer que...

Neste momento abriu-se a porta e, sem bater, uma senhora alta, delgada, encantadora, entrou no gabinete de trabalho de Sherlock Holmes, que, illuminado pela luz suave de um lampeão, apresentava um aspecto de intimidade muito particular.

Bonita e loura, vestia um comprido casaco de "soirée", guarnecido de pelles, que lhe chegava até aos pés.

Estava em toilette de baile, como deixava ver o casaco aberto na frente; o vestido de seda cor de rosa, enfeitado de rendas de Bruxellas, era tão decotado que se podiam entrever as curvas graciosas e opulentas dos seios.

Luvas brancas, compridas vestiam-lhe os braços nús.

Sherlock Holmes tinha-se levantado e feito um ligeiro cumprimento.

— Minha senhora, disse elle, são onze horas menos um quarto; nos seus olhos reflecte-se o susto; concluo d'ahi que vem dar parte de um horroroso crime!

— Meu marido, senhor Sherlock Holmes, exclamou a linda dama, numa voz tremula, foi assassinado... assassinado... ah! não posso mais!

Deixou-se cahir sobre um fauteuil; as lagrimas cahiam-lhe abundantemente pelas faces, e com as mãos crispadas, apertava a fronte com desespero.

— Harry, um copo d'agua para esta senhora! ordenou Sherlock.

— Não, não se incommode, não preciso de nada; supplicou-lhe, senhor Sherlock, venha commigo sem demora; o meu primeiro pensamento, á vista do cadaver do meu desgraçado marido, foi que este crime devia ser castigado; e, como sei que não ha no mundo outro policia que lhe possa ser comparado, metti-me immediatamente numa carruagem, para vir á sua casa!

— Já preveniu a policia? — perguntou Sherlock Holmes.

— Certamente, retrucou a afflicta senhora, estendendo os labios em signal de desdem; mas pergunto-lhe, sr. Sherlock Holmes, a policia de Londres tem, nestes ultimos tempos pelo menos, explicado um só dos crimes que se têm perpetrado em circumstancias um tanto mysteriosa? Não tem sido o senhor, sempre o senhor, quem tem adivinhado os mais complicados enigmas que se apresentam de tempos a tempos na sociedade humana?

— Trata-se, portanto, de seu marido? perguntou Sherlock: assassinaram-n'o?

— Apunhalaram-n'o! exclamou a linda mulher, soluçando com desespero.

— Socego, minha senhora: ante de mais nada, tenha a bondade de me narrar os detalhes circumstanciados do crime. Diga-me primeiro quem é, e o que fazia o seu marido.

— Meu marido chamava-se Paulo Estrade; era hespanhol. Mas ha dez annos que vive em Londres, onde fundou uma das primeiras casas bancarias.

— Conheço essa casa tornou Sherlock; não é em Ludgate Hill, defronte da cathedral de S. Paulo?

— Exactamente, e visto que conhece o nome de meu marido, deve saber tambem que elle é muito rico.

— Pelo menos, era geralmente considerado como tal, replicou o detective, tornando a sentar-se no fauteuil. Ha quanto tempo é casada?

— Ha dois annos, respondeu a senhora Estrade. Eramos o casal mais feliz do mundo e a nossa sorte era digna de inveja. Amavamo-nos, eramos estimados e considerados em toda a parte. A melhor sociedade de Londres reunia-se em nossa residencia em Somerset-street, e, posso dizel-o, as nossas festas gozavam de uma certa reputação. Tudo isso acabou, foi para sempre destruido pela punhalada de um miseravel!

— Que edade tinha seu marido? interrompeu Sherlock Holmes com alguma impaciencia.

— Paulo tinha trinte e tres annos, eu tenho vinte e dois. Considerava-o como um deus...

— Bem, e esta noite?

— Deviamos ir ao baile dos Commerciantes de Londres. Meu marido tinha-me promettido estar em casa ás oito horas e sahir commigo ás nove. Mas, á noite, enviou-me do escriptorio uma carta para me dizer que, devido a um negocio importante, demorar-se-ia até ás nove horas. Devia esperal-o prompta para sahir: iria buscar-me o mais tardar ás nove e meia. Estava prompta, a nossa carruagem achava-se á porta, mas meu marido não chegava. Um pouco antes das dez horas ouvi uma campainhada violenta á porta da entrada; o porteiro appareceu-me muito pallido, e disse:

— Minha senhora, prepare-se para uma coisa horrivel; acabam de trazer o senhor seu marido!

— Trazer? exclamei, estará doente?

— Está morto, disse elle.

A porta abriu-se, e vi deante de mim dois homens segurando um corpo inerte, envolto em cobertura.

— Quem eram esses homens? interrompeu Sherlock.

— Um marinheiro e um cocheiro. Disseram que acabavam de encontrar o cadaver de meu marido, deitado debaixo de uma arvore, á entrada de Hyde Park, defronte de Audley-street. Soltei um grito de horror e descobri o corpo. Esperava ainda que houvesse engano, que aquelle cadaver não fosse de meu marido; mas, infelizmente, era elle! Era o meu Paulo que jazia deante de mim, o rosto cor de cêra, os olhos apagados, e com um grande ferimento acima do coração.

Cahi sem sentidos. Entretanto, o porteiro fôra chamar a policia. Chegou o commissario com alguns agentes; dirigiu-me uma infinidade de perguntas quando recuperei os sentidos. Em seguida, procurei reunir todas as minhas forças para o vir procurar, senhor Sherlock Holmes, porque torno a repetir-lhe — e a voz da linda senhora Estrade tornou-se solemne — não terei o minimo socego emquanto o crime não fôr castigado. Prometto-lhe, senhor Sherlock...

— Tudo isto é accessorio, interrompeu elle; não falemos, por emquanto a este respeito. Tenho ainda muitas perguntas a fazer-lhe antes de a seguir. Em primeiro logar: — como foi que os dois homens que levaram o cadaver de seu marido puderam estabelecer-lhe a identidade?

— Meu Deus! retrucou a linda mulher, tinha comsigo papeis com o nome e a morada.

— Que especie de papeis?

— Se me não engano, tinha a sua carteira. Paulo era muito cuidadoso; a primeira folha continha o seu nome todo, a morada, a edade, e, facto para admirar, esta menção: "em caso de accidente ou de desgraça, peço prevenirem o sr. Sherlock Holmes!"

— Ah! é interessante, disse o detective, coçando o queixo com a mão esquerda, gesto que lhe era familiar. O seu marido foi, pois, bem amavel em pensar em mim. Era um dever, que se lhe impunha, vir procurar-me.

— Certamente, e isso só me fez confirmar na minha idéa de consultal-o sem demora.

— Seu marido tinha inimigos?

— Creio que sim; toda a gente os tem, replicou a senhora Estrade; mas não tão encarniçados que quizessem attentar contra a sua vida. Era tão bom, tão generoso, tão escrupuloso...

— Ultimamente, os negocios corriam-lhe bem?

— Comprehendo essa pergunta, senhor Sherlock Holmes; pensa que não se trata aqui de um assassinio, mas talvez de um suicidio, e que, a confirmar-se essa supposição, poder-se-ia crer que meu marido...

— Quer dizer que seu marido evidentemente não se suicidou, interrompeu o policia, mas que... que se commetteu um crime na sua pessoa. Agora partamos; a sua carruagem está á porta? Dirigir-nos-emos á sua casa o mais depressa possivel.

— A carruagem espera-nos. Oh! senhor Sherlock Holmes, como lhe agradeço por acceitar tão promptamente...

— E' apenas o meu dever! Harry, a minha sobrecasaca, o meu chapeu, a minha lanterna. Partamos, minha senhora.

Chegando á porta, Sherlock Holmes voltou-se e disse a Harry:

— Esperar-me-ás aqui sem te deitares, mesmo que eu não volte esta noite.

O mancebo inclinou-se. Sherlock Holmes abriu a porta e deixou passar a senhora Estrade.

Seguiu-a, e, alguns momentos depois, achavam-se ambos num elegante *coupé* que os conduzia á residencia da senhora Estrade.

Harry Taxon ficou só.

Era um rapaz de dezoito annos, de rosto agradavel e regular. Não tinha ainda, como Sherlock Holmes, essa expressão atormentada, resultado da tensão continua de um espirito absorto na descoberta dos mais arduos problemas da criminalidade.

A fronte alta e espaçosa, o cabello separado por uma risca do lado esquerdo, os olhos, moveis e pesquizadores, prompto a comprehender e a executar as ordens transmittidas com uma fé cega, parecia destinado a o ser digno collaborador do grande policia.

Adivinhar um desejo do mestre, conformar-se á letra e sem discussão ás instrucções dadas — mesmo as mais contradictorias — tal era a sua unica preoccupação.

Não pretendia ainda tecer as malhas de uma trama complicada, e só apresentava com a maior prudencia e a mais completa modestia ao observações que, no decurso de um caso sensacional, poderiam suggerir-lhe as suas observações particulares.

O leitor será informado, pelo seguimento desta narrativa, de que modo estranho elle encontrara Sherlock Holmes, e como travara conhecimento com elle. Rapidamente, desde as primeiras relações, tinha sabido ganhar a estima e a amizade daquelle que, severo para comsigo mesmo, só difficilmente concedia a confiança a outra pessoa.

Sherlock Holmes amava-o como um filho; considerava-o como tal, e não lhe poupava, segundo a occasião, nem os elogios nem as censuras. A primeira qualidade que lhe reconhecia, e que fôra o ponto de partida da sua intimidade, era a sua docilidade passiva, mas, sobremaneira intelligente em executar as missões de que o encarregava.

Sentia-se feliz vendo, dia a dia, desenvolver-se no mancebo um instincto e um faro que deviam tornal-o, em breve, um discipulo digno, no futuro, de o substituir e, talvez, de o egualar.

Por isso não tinha para elle nenhum segredo, nenhum pensamento. Comprazia-se, pelo contrario, em leval-o, por assim dizer, pela mão, como um collegial, desde o inicio de uma causa destinada a tor-

(*Cont. na pag. seguinte*)

nar-se celebre. Guiava-o através do dedalo e do labyrintho das suas sabias deducções, e applaudia-se vendo com que facilidade o seu discipulo seguia, a pouco e pouco, o seu methodo, todo feito de psychologia e de um profundo conhecimento das paixões humanas.

A estas faculdades intellectuaes Harry Taxon juntava qualidades physicas indispensaveis á tarefa rude, e muitas vezes perigosa, que tinha que cumprir.

Bem desenvolvido para os seus dezoito annos, de uma estatura regular, que não attrahia a attenção, agil e nervoso, soubera, por meio de uma pratica razoavel e methodica dos sports, dar ao corpo um vigor capaz de soffrer as fadigas mais inverosimeis.

Auxiliado por um tal collaborador, Sherlock Holmes podia, a qualquer hora do dia ou da noite, ausentar-se com toda a confiança.

Sabia que um outro elle estava como sentinella fiel, de guarda ao logar que elle deixava, e que, ao menor signal convencionado, seria logo avisado.

Estes dois homens, feitos para se estimarem e comprehenderem, estavam destinados a grandes coisas!

CAPITULO II

MEDIDA DO PÉ, 45

A residencia de Paulo Estrade, onde entrara o policia ao lado da joven e linda viuva, dava a impressão de luxo e riqueza.

O defunto parecia ter sido amador de boa pintura, porque, logo no vestibulo, Sherlock Holmes notou a presença de alguns quadros de valor.

Ellen Estrade conduziu-o ao primeiro andar, por uma escada muito illuminada, coberta por um tapete.

Em seguida, abriu uma porta e, mostrando um divan, exclamou soluçando:

— Ah... está ahi! Ah! não lhe sobreviverei, porque perco com elle tudo que me prendia á existencia!

Sherlock Holmes tinha entrado no quarto onde se encontrava o cadaver.

Havia ahi uma certa obscuridade, pois o quarto achava-se apenas illuminado por uma pequena lampada suspensa do tecto.

O cadaver estava coberto com uma colcha de seda, que Sherlock Holmes ergueu com precaução.

Paulo Estrade devia ter sido o que as mulheres chamam um bonito homem.

Era de estatura elevada; o rosto, agora amarello como a cêra, apresentava feições finas e regulares; tinha um sedoso bigode bem frizado.

O cabello castanho, ondeado, cahia-lhe sobre a fronte pallida. Mão piedosa tinha cerrado os olhos do desventurado, cujo rosto exprimia a serenidade e o repouso.

— Seu marido estava em trajo de *soirée*? perguntou Sherlock Holmes, designando a casaca que o morto vestia. Mas disse-me que elle tencionava vir directamente do escriptorio para casa?

— Em casos semelhantes, Paulo tinha por habito vestir-se no escriptorio, afim de não perder tempo, retrucou a senhora Estrade; foi o que fez ainda hoje. Como foi a Hyde-Park? Não sei.

Sherlock Holmes inclinou-se sobre o cadaver e examinou a ferida.

— Desejava uma vela. Ah! aqui está uma sobre o fogão.

Depois o policia voltou rapidamente para junto do divan e, com uma lente, que tirou da algibeira, submetteu a ferida a um exame attento.

— Seu marido foi ferido com um estylete italiano, disse elle. Foi uma arma extraordinariamente delgada que lhe enterraram no peito. A morte deu-se instantaneamente, porque, sem duvida alguma, como o provará mais tarde a autopsia, o coração foi atravessado de lado a lado. Desde que exerço o meu mister, nunca vi um golpe dado com tanta segurança. A lamina não se desviou para a direita nem para a esquerda, e penetrou justamente no centro do coração. Dir-se-ia que o golpe não foi dado horizontalmente, mas bem perpendicularmente.

— Nada comprehendo desses detalhes, replicou docemente Ellen, chorando; apenas sei uma coisa: que me tiraram o que tinha de mais querido.

— O cadaver está tal qual o trouxeram? perguntou Sherlock Holmes.

— Exactamente na mesma posição. Quando sahi, fechei a porta a chave, e tenho a certeza de que ninguem aqui entrou.

— Seu marido era maçon?

— Como sabe? perguntou Ellen admirada.

— Oh! não é difficil de adivinhar, retrucou, sorrindo, o policia. Na corrente do relogio tem a insignia dos maçons. Era muito enthusiasta, quero dizer, frequentava assiduamente as lojas?

— Oh! sim, nunca faltava a nenhuma sessão, e se não me engano, occupava até um cargo elevado na Maçonaria.

— Era talvez Veneral?

(*Continua no proximo numero*)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 48$000
Semestre (26 ») ...... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 70$000
Semestre (26 ») ...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 78$000
Semestre (26 ») ...... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 115$000
Semestre (26 ») ...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Thesoureiro:
Gustavo Barroso Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 18, 31, 32, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado .... 1$500

RHEUMATISMO

O exito de nossa cruzada contra O RHEUMATISMO deve-se quasi exclusivamente à recommendação de ex-soffredores satisfeitos

O Rheumatismo é uma enfermidade commum a todas as nações civilizadas e uma das mais rebeldes. Começa a meudo com dôres impertinentes e profundas nos musculos e nas juntas que augmentam gradualmente até se converterem numa verdadeira tortura. E isto não é tudo, pois acontece com frequencia que o Rheumatismo affecte o coração, o que constitue um grave perigo. Esteja V. S. alerta!

Não faça experiencias com a sua saúde: tome um medicamento recommendado pelos medicos de todas as nações, ha mais de 40 annos. Pergunte a seu medico acerca das Pilulas De Witt. Elle sabe o muito que valem em casos de Rheumatismo, Sciatica, Lumbago, Molestias de Acido Urico, Desordens dos Rins e da Bexiga.

Nós SABEMOS que as Pilulas De Witt são bôas, e desejamos que V. S. o comprove, livre de qualquer despeza. Preencha e envie-nos o coupon abaixo e receberá pela volta do correio um FORNECIMENTO GRATIS PARA EXPERIENCIA. Se o seu caso é susceptivel de tratamento, as Pilulas De Witt lhe farão bem. Portanto, V. S. nada perderá e se beneficiará fazendo uso de nossa offerta gratis. Envie o coupon HOJE MESMO.

PILULAS

DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Podem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS

e todas as Molestias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. R 149), Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despesas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

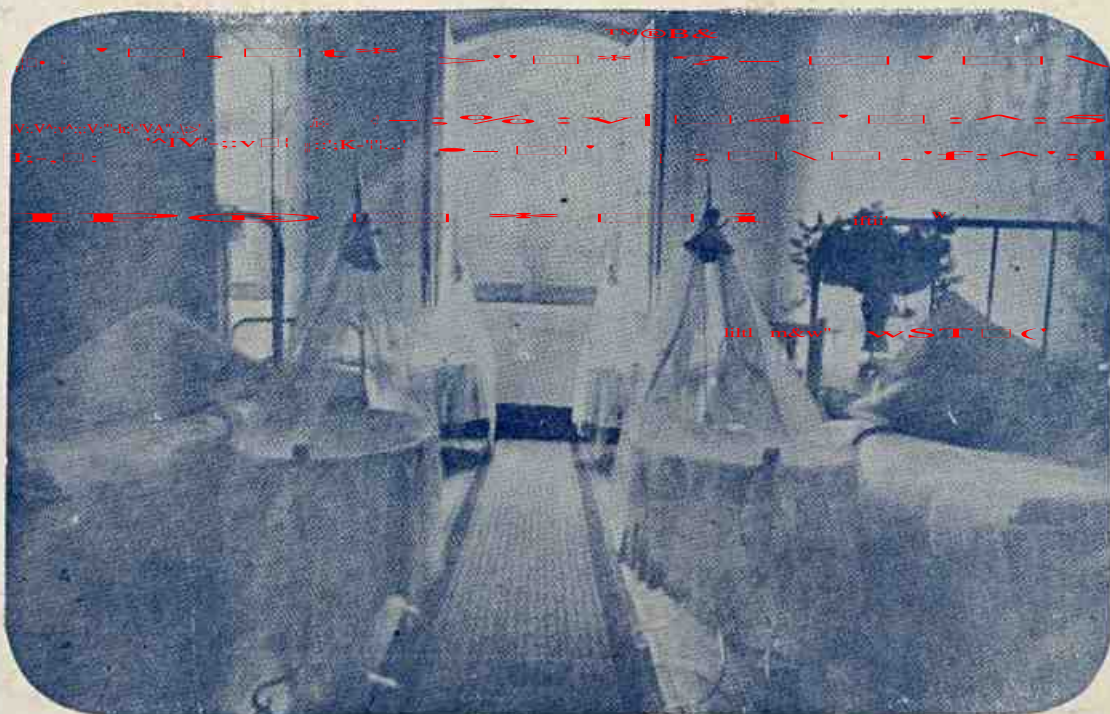
Nome ....

Endereço ....

....

Queira escrever com clareza

Mande em envelope aberto ... sello 20 Reis

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

MATERNIDADE COM 4 LEITOS

Parto e estadia durante 10 dias: 300$000

R. Aristides Lobo 115 - Tel. 2-1266

ORF-LÉN
TINJE
CABELLOS BRANC
nas seguintes côres:
Louro
Bronzeado claro
escuro
Castanho claro
natural
bronzeado
pouco escuro
escuro
Prêto